

CONFISSÃO DESCARADA DE TRUMAN:

PRESSÃO DIPLOMÁTICA PARA O ENVIO DE TROPAS À COREIA

Acheson veio exigir 20 mil soldados brasileiros e Getúlio prometeu pronta entrega — Medidas de guerra e para o embarque de tropas ao exterior — Que se ergam as formas de protestos para impedir o crime

ENQUANTO o gangster Dean Acheson realizava conversações secretas com Vargas e João Neves, Truman dava publicidade, em Washington, a um relatório no qual declarava que «a limitada participação de outros países membros da Organização Mundial na guerra na Coreia é motivo de preocupação para os Estados Unidos.» O relatório acrescenta, ainda, textualmente, que «OS DIPLOMATAS NORTE-AMERICANOS CONTINUAM EXERCENDO PRESSÃO SOBRE OS DEUS MAIS ALIADOS DOS ESTADOS UNIDOS PARA QUE ENVIEM MAIS TROPAS PARA A COREIA.»

DOBRA-SE VARGAS AS ORDENS DO PATRAO

Pelas revelações de Truman esclarecem-se completamente os objetivos da recente visita de Acheson, o chanceler da guerra microbina, ao Brasil. Se os diplomatas americanos estão exercendo pressão sobre os governos títeres, como o de Vargas, para que enviem soldados para a guerra na Coreia, é evidente que Acheson, o chefe dessa diplomacia de gangsters, só poderia ter levado ao máximo esta pressão, com a sua presença em nossa terra.

O fato mais grave, porém, é que, segundo as declarações do patrão e dos lacaios à imprensa, Vargas e Acheson «chegaram a um perfeito acordo» em todas as questões que trataram. Isto é, a completo acordo sobre a entrega de nossa juventude, como carne de canhão, para as aventuras guerreiras dos imperialistas americanos contra os povos.

PREPARATIVOS PARA O CRIME

E tanto é assim que, já em consequência das exigências formuladas pelos abutres de Wall Street, o governo quisling de Getúlio toma abertamente uma série de medidas de ordem militar, que evidenciam seu sinistro propósito de embarcar tropas brasileiras, «ainda em tempo útil», para a chacina na Coreia.

Já poucos dias antes da chegada de Acheson ao Brasil, aportavam ao Rio vários navios de guerra norte-americanos, para participarem de exercícios conjuntos com navios de guerra brasileiros. Essa parte da esquadra americana, sob cujo comando es-

(Conclui na página 11)

VOZ OPERÁRIA

EDIÇÃO ESPECIAL
DEDICADA AO R. G. DO SUL



SOB A BANDEIRA DE PRESTES LUTA O POVO RIOGRANDENSE

Esta edição de «VOZ OPERÁRIA» é dedicada ao Rio Grande do Sul à classe operária e ao povo gaúcho que lutam pela paz, a liberdade e a independência nacional. Esta edição não poderia deixar de ser apresentada com o nome glorioso, que sintetiza as melhores aspirações e as melhores tradições do povo riograndense e de todo o povo brasileiro. Luiz Carlos Prestes. Filho querido da terra de Bento Gonçalves, dirigente firme e sereno da luta de libertação nacional, respeitado e admirado no mundo inteiro. Prestes é o mais justo motivo de orgulho do

(Conclui na página 11)

**FATOS
Da Coreia**

Nessas últimas semanas verificaram-se diversos acontecimentos na Coreia que reforçam o demascaramento da ação de gangsterismo internacional que realizam os chacais do imperialismo americano.

Primeiro fato. O governo títere da Coreia do Sul, depois de ameaçar de prisão e processo varios deputados da oposição no Parlamento sul-coreano, mandou caçá-los pela polícia. Mais de uma dezena de deputados foram presos no recinto do Parlamento e assim, sob coação, obrigados a votar a reforma da Constituição, a fim de garantir a re-eleição do carniceiro Singman Rhee. E é este regime que os bandidos lanques chamam de «democracia» e por ele exigem a morte de milhares de jovens brasileiros.

Segundo fato. Milhares de prisioneiros chineses e coreanos, que os gangsters lanques apresentavam como «não querendo regressar ao regime comunista» declararam abertamente seu desejo de regressar à Coreia do Norte e à China. E não só isso. Algumas dezenas de prisioneiros, que os imperialistas apresentavam como incluídos na lista dos que se opunham ao regresso, fugiram dos campos de concentração em que se encontravam e procuraram alcançar o território do Exército Popular de Libertação da Coreia e do Exército de Voluntários Chineses.

Terceiro fato. Enquanto os americanos impedem que se chegue a um acordo sobre o armistício na Coreia, usando justamente esta chantagem de prisioneiros que não querem regressar, o general nazilanque Van Fleet declara que «é necessário prosseguir com o emprego da força» e nesta base «cobrigar os comunistas a um acordo». O que, em outras palavras significa: «alcancemos o armistício prosseguindo com a guerra e a devastação da Coreia.» As palavras e os atos demonstram que os imperialistas jamais quiseram honestamente a solução pacífica do conflito coreano, a solução mediante acordos e negociações. E então, por que fingiram aceitar as negociações de tregua? Por dois fatos: um, as dificuldades e derrotas militares que sofreram na luta; o outro, com temor à opinião pública mundial. O correspondente da agência oficial do governo francês (a France Press) escreve, por exemplo, a respeito: «Evidentemente, a administração que será substituída — isto é, o governo de Truman — não quer ser acusada de belicismo e quer dar prova de boa vontade diante de uma opinião pública que jamais foi favorável à guerra na Coreia.»

Resumindo os fatos vemos que os lanques agridem seu vagemente o povo coreano para sustentar na Coreia o governo fantoche dos EE. UU., odiado pelo povo e que procuram, por todos os meios, continuar e estender a guerra, à qual se opõem vigorosamente todos os povos amantes da paz, inclusive o povo norte-americano. Se os povos — entre eles,

(Conclui na página 2)

nos 4 cantos do mundo

Heróis e Mártires do Proletariado Riograndense

NOMES QUE JAMAIS SE APAGARÃO Da Memória de Nosso Povo

ESPAÑA
Foi condenado a quatro anos de prisão o jovem Gregorio Lopez Raimundo, para quem o promotor pediu a pena de 20 anos. A condenação de Lopez Raimundo, que foi um dos líderes das greves de Barcelona, está provocando indignação na Espanha em todo o mundo.

INDONESIA
O ministro de Informações, em declarações feitas em Jakarta, condenou publicamente os selvagens bombardeiros americanos das instalações do rio Iati.

INGLATERRA
Manifestações de repúdio marcaram a chegada de Ridgway — o general da peste — na Inglaterra. No aeroporto, apesar das rigorosas medidas policiais, panfletos foram lançados sobre Ridgway, com dizeres assim: «Ridgway go home». «Os ingleses jamais serão escravos».

DINAMARCA
Apesar das ameaças feitas pelos Estados Unidos de suspender o fornecimento de encomendas militares à Dinamarca, o governo decidiu cumprir o contrato estabelecido com a União Soviética para a construção de três petroleiros e cinco navios frigoríficos. O primeiro desses navios — o petroleiro «Aspheron», de 13 mil toneladas — foi entregue à URSS e prosseguir a construção dos demais.

JAPÃO
Violentos choques entre policiais e manifestantes ocorreram em Kioto, Kobe e Nagoya, quando a polícia tentou dissolver conferências que estavam sendo pronunciadas por dois parlamentares recém-chegados da União Soviética. Com o desenvolvimento das manifestações, automóveis americanos foram incendiados nas ruas daquelas cidades, bem como queimadas bandeiras dos Estados Unidos.

FANÇA
Informa «L'Humanité» que em resposta à prisão de Jacques Ducloux e às medidas terroristas adotadas pelo governo Pinay-Brune contra o movimento patriótico, mais de 1.700 trabalhadores ingressaram nas fileiras do Partido Comunista.

As chacinas realizadas pela polícia contra os trabalhadores de Rio Grande, a 1.º de Maio de 1950, e contra um numeroso grupo de patriotas, em Livramento, em 24 de setembro de 1951, comoveram todo o país. Os nomes

dos heróis e mártires que nelas tombaram ficarão eternamente gravados na memória do proletariado e do povo, como exemplos gloriosos do patriotismo e da combatividade da classe operária brasileira

OS MÁRTIRES GLORIOSOS DE LIVRAMENTO



ARDIÁS ROCHA — Era camponês. Já em 1917, como trabalhador do Frigorífico Armour, tomou parte na célebre greve de solidariedade à grande Revolução Socialista de Outubro, que teve lugar em Livramento. Ingressou no Partido Comunista em 1934 e de suas fileiras jamais se afastou. Assassinado pelos facínoras da polícia, acompanhado com os gringos de «Armour» e os latifundiários Flores da Cunha, isto bravo-



mente e obteve contra dois boleguins, dando a todos um vigoroso exemplo de amor à causa do proletariado e do povo. **ALADIN ROSALES** — Líder dos trabalhadores em frigoríficos, ingressou no P.C.B. em 1945. Dirigente das lutas operárias em Livramento, foi o organizador e chefe da grande greve de abril de 1949, no Frigorífico Anglo. Seu prestígio entre os operários era tão amplo que durante a greve, os trabalhadores

se recusaram a voltar ao serviço, com suas reivindicações aceitas, se os gringos despedissem Aladin. Quando foi assassinado em Livramento, era candidato a deputado federal pela Frente Democrática de Libertação Nacional.

ARISTIDES CORREIA LEITE — Foi agricultor e operário de Armour. Ingressou no Partido em 1945. Quando foi assassinado era o representante dos jornais do povo em Livramento, entre eles, VOZ OPERÁRIA. Foi fuzilado pelas costas quando fazia propaganda dos candidatos da Frente Democrática de Libertação Nacional. Os policiais que o assassinaram tão covardemente foram, certa vez, corridos por ele de sua livraria, quando ali pretendiam realizar um assalto. Não tiveram, então, coragem de atacá-lo frente à frente.



ARY KULMANN — Participou em 1935 do movimento da A.N.L. em Livramento. Em 1937 esteve à frente das forças democráticas, no município, diri-

gindo toda a sua ação contra o terror de Estado Novo getulista. Era militante comunista desde 1934. Sofreu inúmeras prisões, em todas elas comportando-se com bravura comunista. Foi em Livramento um dedicado dos jornais populares. Como seus companheiros, saiu lutando contra os sicários a serviço dos imperialistas e latifundiários que realizaram a monstruosa chacina de 24 de setembro.

OS HERÓIS E MÁRTIRES DE RIO GRANDE



EUCLIDES PINTO — líder operário de há muito estimado pelos trabalhadores de Rio Grande. Participou de todas as lutas populares que se realizaram, nos últimos tempos, na

heróica cidade portuária. Conheceu várias vezes os cárceres da repressão, tanto no Rio Grande do Sul, como em São Paulo. A 1.º de Maio, liderava a grande passeata da classe operária, quando foi assassinado. Foram suas últimas palavras: «Não chorem por mim, morro contente porque morro na data de trabalhador. Avante companheiros, em defesa da paz e das liberdades!»

ANGELINA GONÇALVES — operária tecelã, foi um exemplo de mulher operária. Ativa participante das lutas dos trabalhadores tecelões, Angelina ingressou no P.C.B. logo após seu surgimento à vida legal, em 1945. Daí por diante sua atividade como líder operária aume n t o u consideravelmente, participando de todas as lutas dos trabalhadores de Rio Grande. Angelina levava a bandeira

brasileira na passeata de 1.º de Maio, quando foi atacada pela polícia. Suas últimas palavras foram de incentivo: «Não temam companheiros!»

HONÓRIO COUTO — Joveiro operário, natural da cidade de Uruguaiana. Portuário, preocupado com a situação da classe operária, Honório encontrou no P.C.B., quando este veio à legalidade, a solução para os problemas dos trabalhadores. Tornou-se um ativo e exemplar militante comunista. Quando as armas dos assassinos foram dirigidas contra os manifestantes de 1.º de Maio, Honório, mesmo desarmado, enfrentou os bandidos. Tomou a arma de um boleguim e tombou lutando.

OSVALDINO CORREIA — Ferroviário, ativo partidário da paz, participou de diversas lutas reivindicativas da classe operá-



ria. Merecia a confiança de seus companheiros de classe, era estimado e respeitado. Acompanhava a passeata de 1.º de Maio, quando foi atingido pelas balas assassinas da reação.

Vitoriosamente Realizada A Convenção de Defesa do Petróleo

GRANDIOSO ESPETÁCULO DE UNIDADE DO POVO NA LUTA CONTRA O SAQUE IMPERIALISTA AS RIQUEZAS NACIONAIS — SEIS GENERAIS, UM VICE-ALMIRANTE, PARLAMENTARES, REPRESENTANTES DA CLASSE OPERÁRIA E DELEGAÇÕES OFICIAIS DE CÂMARAS DE VEREADORES PARTICIPARAM DOS TRABALHOS DO CONCLAVE — CONTRA A PETROBRÁS, PELO MONOPÓLIO ESTATAL, PELA ORGANIZAÇÃO POPULAR EM DEFESA DA SOBERANIA DA PÁTRIA

Um espetáculo grandioso foi a III Convenção Nacional de Defesa do Petróleo, que se realizou nesta Capital entre 5 e 8 do corrente. O III Convenção superou o êxito brilhante que já tinham alcançado as duas anteriores: mais numeroso e mais amplo foi o apoio de massas que obteve, mais vibrante o entusiasmo dos delegados e assistentes. Dezenas de delegados de todos os Estados, centenas de mensagens de apoio de as-

sembléias legislativas e de parlamentares, de oficiais do Exército e associações operárias, femininas e juvenis, foram uma impressionante demonstração de que o povo brasileiro se ergue, com insopitado impulso, em defesa das riquezas nacionais e se põe em luta pela soberania da Pátria.

DELEGAÇÕES

Dos trabalhos da III Convenção, que se instalou

num grandioso ato público que superlotou os salões da Câmara Municipal, participaram entre muitos outros delegados, seis generais do Exército, um vice-almirante, vários membros da magistratura, deputados federais, mais de uma dezena de deputados estaduais e de vereadores, de vários municípios. As Câmaras Municipais de João Pessoa, Goiânia, Santa Maria (R. G. do Sul) e Nova Ponte (Minas Gerais) fizeram-se representar oficialmente através de uma delegação de seus vereadores.

PARTICIPAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA

Ao lado dessas delegações, estiveram algumas dezenas de delegados operários, escolhidos por seus companheiros de fábrica ou de sindicatos para trazerem a contribuição decisiva do proletariado brasileiro à luta em defesa do petróleo e contra o saque de nossas riquezas pelos trustes imperialistas. Organizações como a C. T. B. e as diversas Unões Sindicais dos Estados; vários Sindicatos

(Conclui na Pagina 18)

20% da AMERICAS

URUGUAI
A Convenção Nacional do Partido Herrerista aprovou por aclamação um documento expressando sua repulsa total ao Pacto Militar de Ajuda Mutua entre o Uruguai e os Estados Unidos. Os herreristas possuem três dos nove membros do Conselho Nacional (que governa o país, depois da abolição do regime presidencialista) e também uma terça dos membros da Câmara e do Senado. Atualmente, opõem-se ao Pacto Militar os partidos Comunista e Nacional Herrerista, a Federação Universitária do Uruguai e os poderosos sindicatos que integram a Confederação Geral dos Trabalhadores. Dia a dia, novas forças se incorporam a essa frente anti-imperialista.

CHILE
Novas camadas da população se incorporam à luta contra o Acórdo Militar Chile-Estados Unidos. As organizações que já vinham participando da campanha contra o referido Acórdo, juntam-se agora os jovens da «Frente Nacional».

MEXICO

Milhares de pessoas saíram às ruas da Capital mexicana para protestar contra as fraudes e irregularedades do pleito presidencial de domingo último. A maioria dos manifestantes era constituída de partidários do general Adolfo Cortinez, um dos candidatos oposicionistas. A polícia atacou os populares, resultando do choque a morte de uma criança e ferimentos em dezenas de pessoas. Em seguida, mais de 500 prisões foram efetuadas.

ARGENTINA

Uma bomba de alto poder explosivo foi lançada contra o edifício onde funcionam a biblioteca e o escritório do USIS (Serviço Americano de Informações) em Buenos Aires. Não houve mortos e apenas três pessoas foram levemente feridas por estilhaços de vidraças. Já há duas semanas, uma pedra fora arremessada contra o escritório lanque. A manifestação é atribuída a elementos nacionalistas.

CUBA

Continuam as pressões de personalidades que não apoiam a ditadura de Batista. Após a detenção de Anibal Escalante e outros dirigentes comunistas, a polícia de Havana deteve cinco elementos ligados ao governo deposto, de Prio Socarras, sob o pretexto de que estavam conspirando contra a vida do ditador Fulgencio Batista.

GUATEMALA

A Comissão de Censura Cinematográfica decidiu proibir a exibição no país do filme anti-comunista «Ameaça Vermelha». Justificando a medida, diz a Comissão que a película é «belicista e sua exibição importaria em um ato inamistoso para com a União Soviética, país com o qual a Guatemala mantém relações de amizade».

Fatos da Coreia

(Conclusão da Pagina 11)
nós, brasileiros — lutamos com firmeza e decisão pela solução pacífica do conflito na Coreia e em solidariedade ao heróico povo coreano é certo que os imperialistas americanos terão de serem derrotados.

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável: **JOÃO BATISTA DE LIMA E SILVA**
MATRIZ: Avenida Rio Branco, 257-17.º andar sala 1712
SUCURSAIS
S. PAULO — Rua dos Estudantes, 84-sala 29;
P. ALEGRE — Rua Riachuelo 889 — Baixos;
RECIFE — Rua da Palma, 285-sala 205 — Edifício Saet; SALVADOR — Rua Saldanha da Gamboa, 22-térreo; FORTALEZA — Rua Barão do Rio Branco, 1248, sala 22
ASSINATURAS
Anual ... Cr\$ 60,00
Semestre ... Cr\$ 30,00
Trimestral ... Cr\$ 15,00
N.º Avulso .. Cr\$ 1,00
N.º atrasado .. Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO — RECIFE — P. ALEGRE — FORTALEZA — SALVADOR e BELEM.

PRIMEIRO DE MAIO DE 1950 NA CIDADE DE RIO GRANDE

Anônio RECHIA

1.º DE MAIO DE 1950 tornou-se uma data inesquecível para os trabalhadores do Rio Grande do Sul. Nesse dia, o povo da cidade de Rio Grande, com os trabalhadores à frente, escreveram mais uma página gloriosa na história das lutas populares pela Paz e pelas reivindicações.

As comemorações de 1.º de Maio foram, naquele ano, precedidas por movimentos que denotavam a existência de amplo espírito de unidade da classe operária e de frente única popular. Delas participaram alguns sindicatos, unidos às Associações femininas, religiosas e esportivas e todos dirigidos pela Comissão de 1.º de Maio. Era uma frente única dirigida pela classe operária.

O Apelo popular às comemorações anunciadas — o ato público central e o churrasco — foi de tal vulto que tornou a polícia impotente para impedi-las. As faixas que eram arrancadas, na palada da noite, pelas policiais, eram recolocadas à luz do sol pelos operários. Só na véspera de 1.º de Maio, um domingo foram realizados mais de 14 comícios, em diversas concentrações operárias. Tudo isso garantiu a realização do ato de 1.º de Maio, tornando impraticável sua proibição, apesar dos desejos dos agentes do governador Jobim. As comemorações — as únicas que se realizaram na cidade no Dia do Trabalho — tiveram essa característica de unidade da classe operária e de frente única popular.

Ào amanhecer do 1.º de Maio começou o grande movimento, que superava toda a expectativa. Os transportes mostraram-se insuficientes para atender à massa que se deslocava rumo ao local do churrasco. Em meio de intensa alegria popular, que se manifestava nas fisionomias risosas e no carinho da massa com os organizadores da manifestação, foram iniciados os discursos. O momento culminante do comício foi quando um orador falou do problema da paz e acentuou, em meio a vibrantes aplausos, que o povo brasileiro jamais lutaria contra a União Soviética, defensora da Paz e da libertação dos povos. Estávamos nos dias em que o imperialismo desesperado fazia esforços para criar incidentes de fronteiras, violando com seus aviões o território soviético, numa tentativa de provocação guerreira. Os acontecimentos tornavam a palavra de ordem de «jamais lutaremos contra a Pátria do Socialismo» perfeitamente compreensível para o povo, que já percebia os sinistros objetivos dos imperialistas americanos.

Num clima de entusiasmo e vibração foi organizada, após o comício, a passeata em saudação à sociedade União Operária, que festejava novo aniversário de fundação. Há mais de 50 anos a União Operária havia inscrito na fachada de sua sede o lema dos trabalhadores: PROLETARIOS

DE TODOS OS PAISES, UNIVOS!

Mas a reação não dormia. Impotente, remordia-se de ódio. E ao se iniciar a passeata, foram dadas ordens para que os soldados de prontidão nos quartéis saíssem à rua e fossem lançados contra o povo, como declarou posteriormente o bandido Evaldo Miranda, que comandou o assalto. Foram visados os mais decididos lutadores pela causa popular. Caíram os mais bravos. Angélica tombou, defendendo o pavilhão nacional, por ela retomada das mãos criminosas de um policial que a abateu com um tiro na nuca; calu Honório, lutando desarmado contra um policial, de quem, depois de mortalmente ferido, ainda tomou a arma, justificando; calu também o inesquecível Euclides Pinto quando já tudo parecia sereno e ele acorria em socorro dos feridos. Foi visado pessoalmente pelo assassino Evaldo Miranda.

Relato os fatos com simplicidade, mas com incontida indignação, revendo todo um drama que se apresentou diante dos meus olhos com rapidez impressionante, com brutalidade e violência sem precedentes em nossa terra. Como se apurou mais tarde, esse crime monstruoso foi friamente premeditado pelos homens do governo, sob a direção do coronel Dagoberto, o chefe de polícia incendiário, e de Jobim, o «plácido» interventor de Dutra no Rio Grande do Sul.

Getulio, dias antes, havia ordenado aos seus trabalhadores que não atacassem Jobim. Getulio também é cúmplice do crime.

Hoje, transcorridos mais de dois anos, cada dia sentimos crescer dentro de nós a certeza de que nenhum dos criminosos escapará à punição. De minha cama de parálitico continuo a luta. Os meus bravos companheiros do Porto e o povo de minha cidade natal reconduziram-me à Câmara, numa demonstração de seu repúdio aos responsáveis pela chacina de 1.º de Maio, aos que preparam a guerra e oprimem o povo. Não tombaram as bandeiras de luta pela paz, a libertação nacional, a democracia e o progresso que ergueram com tanta bravura os nossos gloriosos mártires de 1.º de Maio. Elas flutuam invencíveis — em todo o mundo, o campo das forças da paz se amplia e fortalece.

Em nosso país, já sob o influxo do Manifesto de Agosto, sob a bandeira do Programa da Frente Democrática de Libertação Nacional, marchamos para diante. Como membro consciente da classe operária, constato com satisfação e orgulho que, como resultado das lutas de nosso povo, de meus bravos companheiros, os trabalhadores, sob a direção do nosso grande Prestes, crescem também em nosso país as forças da paz. Nada deterá a marcha do

(Conclui na Pagina 10)

Ferro em Branco

«O POPULAR» FAZ CONCORRÊNCIA AO «CORREIO»

«O Popular», o jornalco de Velasco e Francisco Mangabeira, começou tentando encontrar leitores entre a massa operária e os setores patrióticos. Então, mascarou-se de esquerdista. Dizia-se anti-imperialista, se bem nunca lhe faltassem os anúncios de empresas imperialistas; dizia-se a favor da paz, se bem que o sr. Velasco nele doutrinasse a propaganda dos chacais do imperialismo americano sobre a inevitabilidade da guerra; dizia-se em favor da classe operária, se bem que anunciando, em várias empresas onde os trabalhadores começavam a lutar, a deflagração de greve iminente a fim de despertar a atenção dos torturadores do Setor Trabalhista.

Mas a fantasia não enganou a ninguém. «O Popular» não arranjou o público que desejava com a demagogia «esquerdista». Tratou de arranjar outro e hoje disputa com «O Grito», o «Correio da Manhã» e os «associados» um lugar de destaque entre os caluniadores da União Soviética. E para tanto, a fim de não perder as fumaças «esquerdistas», em vez de recorrer diretamente ao FUSIS da embaixada americana, ficou com a filial do mesmo serviço — a «Yugopress» da embaixada titista da Iugoslávia.

Agora, «O Popular» estampa em cada edição nada menos de duas ou três matérias anti-soviéticas originárias dessa fonte repelente. E que matérias! Uma delas diz, por exemplo, que na Tchecoslováquia o custo da vida subiu em mais de 600 por cento; entretanto, documentação insuspeita, como a da ONU, mostram uma rebaixa constante de preços naquele país de Democracia Popular, aliás visitado ultimamente por vários brasileiros. Outra matéria diz que a «União Soviética impede que a Tchecoslováquia desenvolva seu intercâmbio comercial com o Ocidente», e isto justamente quando se realizou em Moscou a Conferência Econômica Internacional para o fomento do comércio entre os diferentes países e em que o Brasil e a Tchecoslováquia renovam um acordo comercial.

Essas mentiras sobre fatos conhecidos de quase todo mundo mostram como o ódio desapercebido desses escribas da propaganda de guerra leva à insensibilidade moral. Os «socialistas católicos» de «O Popular», apesar dos «10 mandamentos» já nem se importam de serem pilhados como caluniadores vulgares. O que lhes interessa é divulgar uma torrente de calúnias contra a Pátria do Socialismo, ainda que mesmo um cego veja que se trata unicamente de calúnias. Quanto mais «anti-soviético», mais credencido aos anúncios e matérias pagas em dólares. E não é por outro motivo que à sombra dos vulgares caluniadores do jornalco titista se abrigam agora, obedecendo à «voz do sangue», um grupelho de traidores e renegados.

MOSES E O PIKE

No saguão da A.B.I., patriotas escreveram: «Fora Acheson! Go home! Isto no dia em que o chanceler da peste ia ali dar uma entrevista coletiva à imprensa.

O sr. Moses ficou fora de si. E então, como se justificou diante de seus amigos do imperialismo americano? Que dizer a Mr. Johnson e a Boré? Que seriam dos negócios de Moses se fosse, em consequência da inserção, incluído no fichário do F.B.I. como hostil à colonização americana? Só um delírio público manteria elevado, diante dos homens dos dólares, o conceito do Presidente da A.B.I. E lá se saiu Moses, numa pro-

fissão de 16 anti-comunista (aliás, dispensável) e a bradar sua indignação contra os que atentaram contra a beleza arquitetônica da A.B.I.

Agora imagine Moses, a quem pike alguns marmores leva a tal estado, a indignação «inecarrada» dos patriotas contra a presença do gangster Acheson, uma das mais sérias ameaças à vida, à soberania e à liberdade do povo brasileiro. Pike nos marmores da A.B.I., apaga-se. Mas as vidas de jovens brasileiros que Acheson veio exigir de Getulio já não seriam restituídas se o povo não protestasse por todos os meios possíveis — mesmo pizando marmores — para impedir o crime

DOLORES IBARRURI

A 28 de maio transcorrerá o 16.º aniversário da início da gloriosa resistência do povo espanhol à agressão nazi-franquista. A gloriosa epopéia do povo espanhol no seu embate contra o fascismo projetou luminosamente, no mundo inteiro, o nome de Pastonaria, já amado e glorioso na terra de Cervantes.

Ào lado do saudoso José Diaz, foi ela e continua a ser a encarnação das mais belas e heróicas qualidades do povo espanhol, a encarnação de suas aspirações de liberdade e progresso. O nome de Dolores Ibaruri, desde então, passou a significar para os povos, a Espanha em luta.

Nascida no seio do povo, filha única da classe operária, Pastonaria começou a formar sua consciência de comunista e de patriota entre os heróicos mineiros de Biscaia, entre os quais viveu os anos de sua juventude e entre os quais começou sua luta ininterrompida pela libertação da classe operária e pela felicidade do povo espanhol. Ingressando, muito jovem, no Partido Socialista, desde que, com a vitória da Revolução de Outubro entrou em contacto com as idéias luminosas do marxismo-leninismo, Dolores Ibaruri se tornou uma discípula fiel dos bolcheviques, cuja tempera revolucionária e fidelidade à classe operária conseguiu incorporar à sua marcante personalidade. Quando se fundou o glorioso P.C. da Espanha, Dolores estava nas fileiras de seus organizadores.

Dotada de notável capacidade de trabalho, oradora magnífica e firme organizadora, Dolores logo se destacou como dirigente da classe operária e do Partido. As greves operárias e as lutas populares que levaram à derrocada da monarquia espanhola, tiveram em Dolores, já então membro da direção do P.C. espanhol, uma de seus principais organizadores e dirigentes. Sua contribuição à organização e à vitória da Frente Popular foi das maiores. E quando se iniciou a rebelião franquista contra a República foi ela, ao lado de José Diaz, o incansável organizador da unidade do povo para a heróica resistência ao fascismo. Sua figura chegou a tornar-se legendaria na imaginação popular — tal a bravura e o espírito de combate que demonstrava e infundia de massas operárias e camponesas.

Com a morte de José Diaz, Dolores foi eleita Secretária Geral do Partido Comunista da Espanha, à cuja frente, apesar da vitória transitória dos franquistas, apoiados por Hitler e Mussolini e hoje sustentados pelos imperialistas norte-americanos, mantém erguida a bandeira Republicana da luta pela paz e a independência nacional.



Comentário NACIONAL

Prosseguir a Luta Iniciada nas Manifestações Contra Acheson, com a Campanha Contra o Acôrdio Militar

NAS ÚLTIMAS SEMANAS os protestos populares contra a presença do carniceiro Acheson em nossa terra foram os acontecimentos centrais da vida política nacional. Por mais que o governo servil de Vargas procurasse colar o país sob virtual estado de sítio e protegesse cada passo do chanceler lanque com um exército de policiais, nosso povo fez sentir, através de demonstrações concretas, sua repulsa ao colonizador estrangeiro e aos incendiários de guerra.

Particularmente no Rio e em São Paulo, as manifestações foram de molde a fazer ver ao canibal Acheson e aos seus lacaios do governo de Vargas que não conseguirão fludir o nosso povo e que não lhes será fácil transformá-lo em carne de canhão para o matadouro das guerras imperialistas. Por toda parte de nossa terra onde andou, o chanceler da guerra microbiana conheceu a hostilidade e a repulsa do povo. Por toda parte os patriotas demonstraram que o povo brasileiro, que ama a paz e quer sua independência nacional, não se confunde com os governantes vende-pátria que não o representam nem podem falar em seu nome.

Mas, ao lado das manifestações específicas contra Acheson, outros acontecimentos assinalaram, nesse período, o crescente sentimento anti-imperialista das massas e sua potente vontade de paz. Por cima dos desejos de Vargas, que chegou a tentar proibi-la, realizou-se vitoriosamente a Convenção Nacional de Defesa do Petróleo onde patriotas, civis e militares, reafirmaram entusiasticamente a disposição de não consentirem na entrega do nosso petróleo aos trustes e de derrotarem o projeto entreguista da «Petrobrás». Simultaneamente, o Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz comunicava que já foram coletadas, em nosso país, mais de 4 milhões e meio de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz — demonstração indiscutível da crescente oposição do nosso povo à política de guerra e gangsterismo internacional dos chacais de Wall Street e de seus agentes do governo

do sr. Vargas.

Esses dois expressivos êxitos da luta pela paz e contra o imperialismo evidenciam brilhantemente o caminho que nosso povo quer seguir — o caminho da luta em defesa da paz e pela libertação nacional. E é em face desses êxitos, que assinalam o crescimento dos anseios de paz e libertação nacional do povo brasileiro, que devemos também concluir que as próprias manifestações contra Acheson poderiam ter alcançado nível ainda mais alto, se as amplas massas tivessem sido, suficientemente esclarecidas sobre os sinistros objetivos da viagem desse criminoso de guerra ao nosso país.

De fato, existe hoje um amplo sentimento popular de repulsa a qualquer tentativa de entrega de nosso petróleo aos trustes. Milhares de brasileiros de todas as camadas sociais participaram da campanha que, durante o ditadura de Dutra, derrotou o projeto entreguista do petróleo, e um número muito maior ainda participa, neste momento, da campanha contra a «Petrobrás» getulista. Mas, apesar de ser a entrega do petróleo um dos objetivos da viagem de Acheson ao Brasil, nem todos os que combatem a entrega de nosso ouro negro aos trustes foram esclarecidos e alertados para impedirem, com seus protestos, que o advogado dos Rockfellers pudesse alcançar qualquer êxito em sua missão colonizadora.

Quando, há um ano, foi oficialmente anunciado o pedido lanque de tropas brasileiras para a Coréia, desencadeou-se no país inteiro um indignado movimento de repulsa a este pedido insolente, movimento que atingiu todas as camadas do povo e que impediu, então, que Vargas pudesse atender, como pretendia, à ordem do patrão imperialista. Mas, apesar de Acheson trazer ao Brasil, como sua principal missão, o recrutamento de carne de canhão para as agressões do imperialismo americano, os milhões de brasileiros que se opõem a semelhante crime não foram suficientemente esclarecidos e mobilizados para impedirem que Vargas e Acheson dessem um passo nesta barganha do nosso sangue e do sangue dos nossos filhos.

(Conclui na pág. 10)

Grande Vitória na Luta Pela Paz

O Exito das Jornadas de Junho

O fato de que quase todas as cidades cobriram suas cotas na campanha de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz é uma prova edificante da vontade de paz do nosso povo, das imensas possibilidades que se abrem em nosso país para a ampliação das forças que se opõem a uma nova carnificina. Essa vitória, obtida durante as Jornadas de Junho, instituídas pelo Movimento Brasileiro dos Partidários da Paz, constitui um belo exito e são saudadas com manifesta-

ções de entusiasmo por todos que nunca amam a paz. Entre os Estados que cobriram suas cotas figuram alguns dos mais importantes como o Rio Grande do Sul e o Estado do Rio, ambos com cotas de 400 mil firmas. Pernambuco e a Bahia, em cada um dos quais foram coletadas mais de 300 mil assinaturas. A campanha no Rio Grande do Sul, nos últimos dias de junho, assumiu aspectos entusiasmados. Comícios, palestras, conferências, comandos-gigantes foram rea-

lizados na capital e no interior. A população participou dessas manifestações e acolheu com caloroso entusiasmo os grupos coletadores de firmas. Graças ao profundo desejo de paz do povo gaúcho e ao arrojo e à audácia dos participantes da paz, notáveis resultados foram conseguidos. Em Porto Alegre, mais de 200 mil cidadãos subscreveram o Apelo. Nos dois últimos domingos de junho, mais de 4 mil firmas foram coletadas em Pelotas, cerca de 4 mil em Rio Grande e

mais de 3 mil em Santa Maria. Das Jornadas participaram, também, no Rio Grande do Sul, destacadas personalidades do Estado, realizando palestras e conferências sobre a necessidade de ser preservada a paz e em apoio ao Apelo do Conselho Mundial da Paz. Sem dúvida alguma, a luta contra a guerra no grande Estado sulino alcançou seu nível mais alto, interessando de novo e amplas camadas do povo.

Paulo, Minas Gerais e o Distrito Federal, conquanto não tenham atingido os objetivos fixados na campanha, deram passos importantes, e o nome de se desenvolver, sob o estímulo das grandiosas vitórias obtidas no resto do país, para um exito seguro. Tanto mais quanto o perigo de ser nossa Pátria envolvida nos planos dos provocadores da guerra aumenta sem cessar. E hoje novamente surge a ameaça de serem

Outros Estados, como S. (Conclui na Página 8)

Noticiário da Luta Pela Paz

MAIS DE 200 MIL FIRMAS PELA PAZ

Em comunicado tornado público, a Associação Mineira pela Paz Mundial informa que 221.536 mineiros haviam assinado o Apelo por um Pacto de Paz até o último dia 30 de junho. Entre os municípios que superaram suas cotas figuram o de Uberlândia, onde foram coletadas mais de 40 mil firmas.

UM SACERDOTE SE PRONUNCIA PELA PAZ

O sacerdote católico pernambucano, padre Publio Calado, em declarações feitas à imprensa desta Capital, afirmou: «É mister que os homens de boa vontade não permitam mais outra guerra mundial, que tantas calamidades desferiria sobre as mais inocentes vítimas. Condenando o emprego de armas bacteriológicas, disse o padre Publio que significa a frustração da

coletagem mundial e secretária da medicina de todos os continentes, no sentido de preservar a humanidade das pestes e da morte prematura.

PROSSEGUINDO NA COLETA

Os jovens gaúchos, que já atingiram sua cota de 90 mil assinaturas na campanha de Apelo por um Pacto de Paz, estabeleceram-se como objetivo arrecadar mais 10 mil firmas, para atingir a cota das 100 mil.

CONFERÊNCIA SOBRE A URSS

Alcançou o mais completo exito a conferência pronunciada pelo deputado Candido Norberto na cidade gaúcha de Bezerro. O parlamentar do PSD, que visitou recentemente a União Soviética discorreu longamente sobre o profundo e marcante desejo de paz do povo brasileiro. Ao final da sua conferência, que se realizou num cinema local, o deputado Norberto respondeu a numerosas perguntas sobre a vida na URSS.

UNANIMIDADE

Todos os membros da Câmara Municipal de Porto Alegre prestaram declarações no diário «A Tribuna», condenando e uso de armas bacteriológicas. Anteriormente, a Câmara de Santa Maria aprovou uma moção nos mesmos termos. «A PAZ TRIUNFARÁ».

O sábio Joliot-Curie, presidente do Conselho Mundial da Paz, declarou durante a recente sessão realizada em Berlim: «Temos motivos para sentir-nos otimistas com o que já conseguimos, com os exitos conseguidos. O mecanismo da guerra começa a abalar-se. Neste duelo, entre a paz e a guerra, devemos despertar, no devido tempo a consciência universal. A paz triunfará. O movimento dos povos em defesa da paz se amplia, se desenvolve e fortalece. Os partidários da paz compreendem que é necessário impulsionar este movimento em proporções incalculáveis, dando-lhe um caráter ainda mais organizado».



403 Mil Gauchos Já Assinaram o Apelo Por Um Pacto De Paz

Na presente campanha de assinaturas ao Apelo por um Pacto de Paz, nada menos de 403 mil gauchos já subscreram o chamamento do Conselho Mundial da Paz. Essas firmas não foram coletadas com facilidade: a princípio, o governador Dornelles perseguia e prendeu coletores de firmas, destruiu mesinhas postas nas ruas, onde o povo se aglomerava para assinar o Apelo, tentando, por todos os meios, esmagar a campanha pela violência policial.

Tudo isto, entretanto, não, foi bastante para sufocar os anseios de paz dos gauchos. Hoje, os partidários da paz no Rio Grande do Sul têm sua Casa da Paz, onde se reúnem milhares de pessoas, amoliando cada vez mais as forças que defendem a mais nobre das aspirações humanas.

UM MOVIMENTO DE TODO O POVO

A bandeira da luta pela paz é empunhada por vastos setores do povo gaúcho. As centenas de milhares de

ABALA A INGLATERRA A DENÚNCIA DO DEÃO DE CANTERBURY

Regressando a Londres após uma viagem à República Popular da China, o reverendo Hewlett Johnson, Deão de Canterbury, concedeu à imprensa londrina importante entrevista. Depois de falar sobre as notáveis realizações do povo da China, seus propositos de paz para com os demais países, o Deão denunciou o emprego de armas microbianas pelos agressores americanos contra os povos coreano e chinês. Como provas de suas acusações, o dr. Hewlett Johnson apresentou os depoimentos de cristãos chineses que testemunharam o lançamento das bombas bacteriológicas e vários documentos autenticados assinados por quatrocentos e dez dirigentes de Igrejas, entre os quais quatro bispos da Igreja Anglicana e dois da Igreja Metodista.

A denuncia do monstruoso crime dos agressores norte-americanos, no momento mesmo em que os Estados Unidos e seus satélites procuram se desviar da opinião pública mundial, causou tremenda repercussão na Inglaterra. «A controversia levantada — diz um telegrama da agência «United Press», de 9 do corrente — expulsou das manchetes dos jornais o proprio noticiário sobre a convenção nacional do Partido Republicano, nos Estados Unidos».

A opinião publica britânica, que tem no Deão de Canterbury um dos mais honrados cidadãos da Inglaterra, mostra-se indignada com a selvageria dos incendiários de guerra norte-americanos.

firmas coletoras exprimem o sentimento das massas e também de numerosas personalidades do Estado, que aderiram à luta pela paz. Al estão, apoiando este grandioso movimento o monsenhor Costabile Hipolito, políticos de destaque como o sr. Jose Antonio Aranha, magistrados como o desembargador João Pereira Sampaio e centenas de outras figuras de projeção no Rio Grande Sul.

A ORGANIZAÇÃO DAS FORÇAS DA PAZ

A campanha de defesa da paz não se tem limitado às manifestações e atos públicos, ou à coleta de firmas. Importância muito grande é atribuída pelos partidários da paz do Rio Grande do Sul à organização das forças que se opõem a uma nova guerra. Antes das Jornadas de Junho, havia no

Estado 16 conselhos municipais da paz. Em Porto Alegre — onde mais de 200 mil dos seus 390 mil habitantes já assinaram o apelo — foi organizado o Conselho Metropolitano. Aos sábados se tornaram habituais os atos públicos realizados na Casa da Paz, amplo salão à rua 7 de Setembro, 1142. São importantes assembleias, conferências, palestras sobre temas relacionados com a luta pela paz, além de atrações como horas de arte, projeções cinematográficas, representações teatrais, etc.

Essas reuniões são assistidas por considerável número de pessoas. Um dos atos mais concorridos realizados na Casa da Paz foi o julgamento simbólico do Pacto Militar Brasil-Estados Unidos, que terminou pela condenação unanime desse perigoso instrumento da provocação guerrilheira.

AMPLIAR E CONSOLIDAR AS FORÇAS DA PAZ

Novos e importantes passos foram dados durante as Jornadas de Junho, aproximando-se o Estado da cobertura da sua cota de assinaturas e surgindo outros conselhos de paz. Entretanto, diante da tremenda e iminente ameaça do envio de tropas brasileiras para Coreia, a luta pela paz no Rio Grande do Sul marcha sem dúvida para uma amplitude ainda maior.

“A Paz Pode Ser Salva! A Paz Deve Ser Salva!”

As resoluções adotadas pela última sessão do Conselho Mundial da Paz constituem novos e poderosos instrumentos para a luta em defesa da paz, colocados nas mãos de todos os povos. Entre essas resoluções figura a que exige a cessação imediata das hostilidades na Coreia pela assinatura de um armistício baseado no respeito ao direito internacional e às práticas adotadas nas relações entre as nações. Nessa mesma resolução, o Conselho Mundial da Paz exorta todos os governos a ratificar o Protocolo de Genebra, de 17 de junho de 1925, que proíbe o emprego de métodos de guerra bacteriológicas.

Outra importante resolução do Conselho se refere ao Congresso dos Povos em Defesa da Paz, a inaugurar-se em Viena, a 5 de dezembro próximo. Depois de assinalar que se torna cada dia mais evidente — mesmo para aquelas pessoas que não o percebiam — o perigo de uma nova guerra, o Conselho conclama todos os povos a eleger seus representantes à grandiosa assembleia. «Nos parlamentos, nos sindicatos e nas organizações políticas — diz a resolução — se desenvolvem novas correntes favoráveis à manutenção da paz. A colaboração de todas essas forças é possível e indispensável para mudar a marcha dos acontecimentos e assegurar a paz.» A resolução conclui com as seguintes palavras: «A paz pode ser salva! A paz deve ser salva!»

Outra resolução que representa importante contribuição à causa da manutenção da paz é a que convoca para o próximo outono, em Pequim, um Congresso de Paz dos Países da Asia e do Oceano Pacífico. A convocação desse Congresso tem por objetivo fazer face ao perigo de uma nova guerra consubstanciada no tratado de paz em separado com o Japão e em outras medidas agressivas e belicistas tomadas pelos provocadores de guerra na Asia e nos países do Pacífico.

Empunhando a Bandeira da Paz Os Jovens Defendem Seus Direitos

Nas escolas e nas fábricas, assim como nas fazendas do Interior, os jovens associam à luta pela paz a defesa dos seus direitos ao ensino, a melhores condições de vida, aos esportes, a uma existência alegre.

APOIAM O APELO POR UM PACTO DE PAZ

Recentemente, realizou-se em Porto Alegre o X Congresso Estadual dos Estudantes superiores, conclave que muito contribuiu para reforçar a unidade e a organização dos universitários e que alcançou a maior repercussão entre os estudantes. Entre as resoluções adotadas nesse congresso figurou uma manifestação o apoio dos estudantes ao Apelo por um Pacto de Paz, comunicada à Organização das Nações Unidas.

Também o I Festival da Juventude Gaúcha, que reuniu lado a lado jovens estudantes, operários, camponeses e de outras condições sociais, constituiu-se

numa brilhante manifestação do desejo de paz dos moços do Rio Grande do Sul. Centenas e centenas de rapazes e moças subscreveram o histórico juramento do Festival Mundial da Juventude, realizado em Berlim, comprometendo-se a tudo fazer para que nunca mais as guerras levem os jovens — que amam a alegria e a vida — a se trucidarem mutuamente nos campos de batalha.

EM DEFESA DA INDEPENDENCIA NACIONAL

Os jovens estão na primeira linha na luta em defesa das riquezas nacionais. No X Congresso de Estudantes foram aprovadas resoluções em favor da adoção do monopólio estatal «única forma digna» de explorar o petróleo. Os estudantes, nesse mesmo congresso, denunciaram a maneira «anti-social, egoísta e escravagista com que têm agido os capitais estrangeiros» e re-

puíram totalmente qualquer tentativa para internacionalização da «Hileia Amazônica».

LUTAM OS ESTUDANTES POR SEUS DIREITOS

Através de lutas energicas, os estudantes enfrentam a corrupção no setor de ensino — uma das consequências nefastas da política de guerra. Assim, ergueram-se em vigorosa greve geral na Universidade de Porto Alegre contra as nomeações — ditas interinas — de professores sem concurso, geralmente pessoas incapazes, mas que fazem parte do círculo de afilhados de Vargas, Dornelles, Goulart ou outro poderoso do dia. Além disto, a Reitoria da Universidade, em mãos de um conhecido reacionário, deseja suprimir a Escola de Engenharia Mecânica a cadeia de Metalurgia, com prejuizo evidente para a formação profissional dos jovens gaúchos.

A resposta a tais atos arbitrários, foi a greve geral dos estudantes em todo o Estado, fechando-se as escolas da Capital, de San-

ta Maria e Pelotas. O movimento é acompanhado com simpatia por toda a população.

No colegio Julio de Castilhos, os estudantes secundários dão provas de sua combatividade declarando-se em greve diante da nomeação de uma professora incapaz, igualmente favorecida pelo governo. O diretor tentou resolver o problema de maneira fascista, expulsando as duas turnas grevistas, mas isto só fez acirrar o odio dos demais estudantes que se solidarizaram com seus companheiros, alastrando-se, assim, a greve.

PELOS DIREITOS DA JUVENTUDE

A Convenção Estadual dos Direitos da Juventude despertou grande interesse entre a mocidade gaúcha. Os preparativos que a precedem fazem prever que a Convenção será mais um largo passo que darão os jovens do Rio Grande do Sul na sua luta pela paz, pela independência nacional, pelos seus direitos e pela vida alegre e feliz.

Os Imperialistas dos EE. UU. Dominam a América Latina

7 dias
NO BRASIL

OS IMPERIALISTAS americanos reservam à América Latina um papel importante em seus planos de agressão. Baseando-se na cooperação dos comerciantes e dos latifundiários latino-americanos, os monopólios dos Estados Unidos extraem da América Latina matéria prima estratégica a preços ínfimos e estabelecem ali um amplo sistema de bases militares.

Sabe-se que logo após a terminação da segunda guerra mundial os imperialistas americanos formaram um bloco político e militar entre os Estados Unidos e os países latino-americanos, impondo a estes uma série de obrigações militares «coletivas». No começo deste ano, porém, o departamento sob a chefia de Acheson informou que se iniciavam novos entendimentos com uma série de países latino-americanos — desta vez para a conclusão de acordos militares bilaterais.

O que, porém, levou o governo americano a passar aos acordos bilaterais com os países latino-americanos?

O FRACASSO DOS PLANOS DE TRUMAN

NÃO é difícil compreender a razão desse fato se se considera que cresceu seriamente, nos países latino-americanos, a resistência dos seus povos às imposições dos americanos.

O fracasso dos planos do governo de Truman, ligados ao bloco pan-americano, teve uma expressão particularmente evidente na incapacidade desse bloco em fornecer carne de canhão para a aventura americana na Coreia. As tentativas de alguns governos da América Latina de enviar forças para a Coreia provocou uma tal tempestade de indignação popular que esses governos ficaram com medo de brincar com fogo. Somente o lacaio de Wall Street na Colômbia, Gomez, conseguiu enviar um batalhão de soldados a Ridgway. Entretanto, foi justamente nesse país que se acendeu a chama da luta de guerrilhas e antes da partida para a Coreia uma parte do batalhão se passou de armas na mão, para os guerrilheiros.

Através de atos arbitrários de uma tremenda expansão política e econômica na América Latina, os invasores americanos provocam o ódio de milhões de latino-americanos que os consideram como escravizadores e inimigos. O aumento das tendências anti-imperialistas é atualmente um fenômeno característico nos países da América Latina.

A política americana de sufocar a indústria nacional desses países e de impô-lhes um sistema de economia colonial que os mantém na dependência dos Estados Unidos provoca um profundo descontentamento.

O SAQUE IMPERIALISTA NA AMÉRICA LATINA

A SITUAÇÃO econômica dos países da América Latina piora bruscamente em consequência do domínio dos monopólios americanos. A concorrência americana estrangula a produção de carne e de trigo na Argentina, a indústria leve do Brasil, de Cuba e de outros países. Por toda parte aumenta o desemprego e o custo da vida se eleva sem cessar. A fome faz inúmeras vítimas em muitos países.

Sob o disfarce de frases sobre a «defesa» do continente o governo Truman visa assegurar aos monopó-

lios dos Estados Unidos as melhores condições de pilhagem aos povos da América Latina.

Segundo os dados fornecidos pela Comissão Econômica da O. N. U. para a América Latina, os monopólios americanos receberam, só no ano passado, como lucros produzidos pelas inversões diretas de capital, mais de 700 milhões de dólares. Se, porém, calcularmos as rendas provenientes das trocas de produtos não equivalentes (em 1928 um automóvel Ford era trocado por 20 sacas de café do Brasil e em 1949 por 200!), os juros dos empréstimos, etc., verificaremos que os lucros que os monopolistas dos Estados Unidos obtêm na América Latina ultrapassam de 2 bilhões e 500 milhões de dólares por ano!

A DOMINAÇÃO AMERICANA NO BRASIL

OS USURPADORES americanos consideram, com cobiça especial, o maior país da América Latina — o Brasil — cujo território é maior do que o dos Estados Unidos e cuja população é de cerca de 53 milhões de habitantes. Jornais e revistas dos Estados Unidos dedicam ao Brasil dezenas de artigos que se referem aos fabulosos lucros que a pilhagem das riquezas naturais e a escravização do povo desse país podem fornecer. A máquina militar dos Estados Unidos domina o Brasil, transformando-o em praça d'armas de sua propriedade e que representa, nos planos americanos, não só o papel de base importante que assegura o domínio da América do Sul como também o de trampolim para a invasão do continente africano.

O ACÓRDO MILITAR TRUMAN-VARGAS

ENTRETANTO, os agressores americanos não julgam isso suficiente. Recentemente concluíram com o governo do Brasil um acordo militar bilateral pelo qual se pode julgar o que os Estados Unidos se esforçam por obter também de outros países latino-americanos. O acordo não só assegura aos monopólios dos Estados Unidos o controle sobre a economia e o comércio do Brasil e a continuação da instrução de bases militares americanas no território do Brasil, como também prevê o fornecimento aos Estados Unidos de soldados brasileiros para a realização dos intentos agressivos dos imperialistas americanos. Ao imporem aos países latino-americanos acordos militares bilaterais, os círculos governamentais dos Estados Unidos têm como objetivo principal obrigar os governos dos países da América Latina a fornecer carne de canhão para suas aventuras militares.

A assinatura do acordo pelo governo de Vargas provocou uma onda de indignação no Brasil. Contra o acordo se manifestam amplas massas populares, eminentes personalidades do país, uma série de senadores e de membros das câmaras de representantes. O acordo provocou um descontentamento tão profundo no seio do exército brasileiro que, por ordem de Washington, foi demitido o Ministro da Guerra do Brasil e se realizam numerosas prisões entre oficiais e soldados.

MÉXICO, CHILE E CUBA

AS TENTATIVAS dos Estados Unidos de impor um acordo militar idêntico ao México provocaram uma resistência ainda mais séria. A resistência de todo o povo não permitiu que o governo mexicano colocasse a sua assinatura num documento tão vergonhoso, destinado a transformar os mexicanos em mercenários de seus inimigos mais ferozes — os imperialistas dos Estados Unidos — que no passado se apoderaram da metade do território de sua pátria e

A menor resistência dos trabalhadores a essa monstruosa exploração é cruelmente sufocada. Cinco regimentos armados com armas de 105 milímetros e aeroplanos foram lançados pelo governo da Bolívia, em maio de 1950, contra os mineiros em greve e contra mulheres e crianças que exigiam pão. O ditador fascista Gomez assassinou, na Colômbia, 30 mil patriotas que haviam se erguido contra o domínio dos imperialistas americanos que reduzem o povo colombiano ao extremo limite da miséria e da fome. Na maioria dos países latino-americanos sucedem-se os golpes reacionários e neles se acham estabelecidos regimes que são em essência regimes de protetorado americano.

Artigo de V. BOROVSKI (Publicado na "Pravda")

ahoso acordo poderia ser impedida.

As forças negras da «política do dólar» entraram então em ação. Verificou-se em Cuba um golpe militar em 10 de março, imediatamente após a assinatura de acordo. O general Batista, agente dos americanos, que no passado já havia imposto sua ditadura ao país, apoderou-se do poder baseado no apoio dos navios de guerra americanos.

O correspondente em Havana do jornal franquista «Arriba» informa que Batista se baseia no apoio dos círculos econômicos e militares dos Estados Unidos que nele vêem o homem forte... capaz de garantir o cumprimento dos compromissos assumidos e satisfazer às exigências militares dos americanos na região da bacia do Mar das Caraíbas». Esse é o motivo real de mais um golpe reacionário na América Latina, realizado pelos invasores americanos.

AS LUTAS POPULARES DE LIBERTAÇÃO NACIONAL

A ampliação da expansão dos imperialistas americanos nos países latino-americanos é acompanhada, por um lado, pela intensificação da pressão dos Estados Unidos contra esses países, por uma interferência mais descarada de Washington em seus assuntos internos e, por outro lado, pela intensificação do movimento de libertação nacional dos povos dos países da América Latina.

O movimento grevista da classe operária, que as repressões mais severas não podem quebrar, assumiu uma imensa amplitude nos países latino-americanos. Milhões de camponeses vítimas do jugo da escravidão feudal e semi-colonial se erguem para lutar contra os seus opressores. A burguesia nacional, arruinada pelos monopólios americanos, também começa a sentir a necessidade de libertar os seus países da escravidão americana.

Podemos julgar, pelos acontecimentos que se verificaram recentemente na Bolívia, do caráter sério que o movimento pela nacionalização das riquezas naturais assume nos países latino-americanos. No ano passado os imperialistas dos Estados Unidos organizaram na Bolívia um golpe militar com o objetivo de afastar do poder o presidente que prometera nacionalizar as minas de estanho, riqueza básica do país. Entretanto, a junta militar que se apoderou do poder, apesar de lançar mão de um regime de terror sangrento, não pôde impedir a explosão da indignação do povo contra a política de submissão aos monopólios americanos que pilham as riquezas nacionais do país. No começo do mês de abril verificou-se no país um levante que derrubou a junta militar. Segundo as palavras do «Business Week», órgão de Wall Street, «Washington reconhece que a revolução na Bolívia é um golpe contra o prestígio dos Estados Unidos». Torna-se evidente, pelas informações da imprensa, que os Estados Unidos exercem uma grande pressão sobre o novo governo da Bolívia a fim de não permitir a realização das exigências do povo boliviano quanto à nacionalização das minas de estanho.

O MOVIMENTO EM DEFESA DA PAZ

O MOVIMENTO em defesa da paz e contra a militarização se desenvolve na América Latina. As massas populares dos países latino-americanos começam a se convencer, por sua própria experiência, que a luta pela paz é ao mesmo tempo a luta pela independência nacional, contra o aumento da exploração, pelo pão e pela democracia. O Congresso Continental Americano dos Partidários da Paz, que se realizou recentemente na capital do Uruguai — Montevideo — demonstrou, apesar de todas as tentativas dos imperialistas americanos no sentido de impedir a sua realização, que novos milhões de homens de boa vontade se manifestam nos países latino-americanos contra a participação de seus países na realização dos intentos criminosos dos imperialistas dos Estados Unidos.

A idéia da união na luta pela paz, pela independência nacional e pelas liberdades democráticas penetra na consciência dos povos da América Latina. Por mais que os imperialistas tentem dividir os povos, quaisquer que sejam as medidas de repressão a que recorram, não lograrão anular a vontade dos povos de lutar pela paz, pela liberdade e pela independência nacional.

NOTA DA REDAÇÃO — Os sub-títulos são de responsabilidade da redação de VOZ OPERÁRIA.

BONS MERCADOS EXISTEM

Um milhão e quinhentas mil sacas de açúcar estão se derrtendo e correndo por baixo das portas dos armazéns em Pernambuco — afirmou o sr. Zilbe Maranhão, senhor de engenho e presidente do CGAP naquele Estado, durante um debate travado entre comerciantes industriais nordestinos e o sr. Gubello, na cidade de Fortaleza. O sr. Zilbe Maranhão afirmou, a seguir, que é de grande interesse para a economia pernambucana a troca de açúcar por máquinas tchecoslovacas da «Skoda». Acrescentou, ainda, que negócios proveitosos para os industriais e comerciantes de Pernambuco podem ser feitos com a União Soviética e outros países situados fora da área do dólar, os quais desejam estabelecer estreitas relações econômicas com o Brasil.

PIRATARIA

INTERNACIONAL De regresso ao Brasil, o sr. Caio Vieira, diretor do Escritório Comercial do Brasil em Londres, revelou que autêntica pirataria é feita com o café brasileiro. Os importadores de café pagam-nos em suas moedas revendendo-o depois em dólares. Revelou o sr. Caio Vieira que a União Soviética ofereceu ao Brasil 50 toneladas de trigo de Odessa «o melhor trigo do mundo», em troca de café. Posteriormente, os soviéticos renovaram a proposta, oferecendo-se para adquirir minerais brasileiros em troca de trigo.

TERRORISMO

A chegada do chanceler da peste, Dean Acheson, a São Paulo, foi precedida de uma onda de violências policiais. No dia mesmo em que o ganster desembarcou, cerca de quatro mil policiais foram mandados para as ruas, enquanto que as tropas da Polícia Militar permaneciam de prontidão. O diário «Hoje» teve sua circulação impedida por uma semana.

RACIONAMENTO

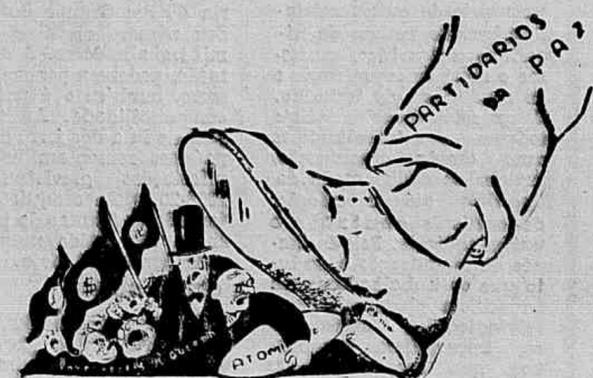
DE ELETRICIDADE Alegando a baixa de nível dos seus reservatórios de água, a Companhia de Energia Elétrica da Bahia, tentáculo do polvo americano Bond & Share (Empresas Elétricas Brasileiras) está preparando o terreno para impôr novo racionamento de energia elétrica na Bahia. Ao mesmo tempo, o americano Goodrich concede uma entrevista afirmando que uma parte dos recentes empréstimos pelo Banco Internacional se destina à sua companhia.

AUMENTO DO PREÇO DA CARNE

Os fazendeiros estão tentando novo aumento de preço da carne no Rio Grande do Sul. O aumento aliás já autorizado por Cabello, ainda não entrou em vigor devido às advertências do povo de que não o aceitará.

CONTRA A LEI DE SEGURANÇA

A Associação da Imprensa de Pernambuco adotou, por unanimidade, uma resolução condenando a lei de Segurança já aprovada subrepticiamente pela Câmara e em vias de ser apreciada pelo Senado.



Condenações Da Guerra Microbiana

Não foi sem um sentimento de horror e candente indignação que o povo gaúcho tomou conhecimento do emprego de armas microbianas pelos imperialistas americanos na Coreia e na China. Mais de quarenta deputados, entre eles o deputado Vitor Graeff, então governador interino, magistrados, escritores, artistas, jornalistas, etc., manifestaram sua total condenação ao emprego da guerra bacteriológica.

A jornada contra a guerra bacteriológica — a primeira Jornada de Junho — foi lançada em concorrência ao público, durante o qual o vereador José Guimarães, líder do Partido Trabalhista (do governo) na Câmara Municipal relatou como havia visto as provas da guerra microbiana, em Pequim, despertando nos presentes um sentimento de viva indignação. O lançamento da Jornada foi apoiado com entusiasmo pelo povo gaúcho.

REPUDIAM ACHESON

Milhares de trabalhadores participaram das manifestações levadas a efeito no bairro industrial de Ipiranga, na capital banderante, contra a visita do gangster americano Dean Acheson ao Brasil.

No dia 23 de junho, às 10,30 da manhã, quando os operários da Ipiranga-Jafet saíram para o almoço, foi feito um comício-relâmpago contra a vinda de Acheson, queimada uma bandeira americana e distribuídos numerosos volantes, sendo os oradores intensamente aplaudidos pelos trabalhadores. Pouco depois, as manifestações se repetiram numa concentração operária próxima, à rua Barão de Resende, onde cerca de 200 trabalhadores participaram diretamente da queima de uma bandeira lanque, proclamando ainda sua total recusa de servir de carne para canhão aos imperialistas americanos.

Entretanto, dessas manifestações que precederam a chegada do gangster a São Paulo, a que mais repercutiu no bairro foi a colocação de um caixão de defunto na estação de Ipiranga, onde se lia: «Aqui jaz Dean Acheson, embaixador da peste». No momento em que era depositado o esquife, mais de 600 operários que saltaram do trem tiveram sua atenção atraída para o mesmo. Ali, então, um orador fez uso da palavra, enquanto centenas de pessoas repetiam em coro: «Nem um soldado para a Coreia!». O trânsito ficou interrompido por cerca de meia hora, uma vez que o caixão estava sobre os trilhos, rodeado pela multidão. Os operários arrebatavam os volantes para lê-los e distribuí-los em suas empresas. (Do correspondente no Ipiranga, São Paulo).

Luta do Proletariado Gaúcho Pela Paz, Pão e a Independência Nacional

15 mil ferroviários, 15 mil metalúrgicos, 10 mil trabalhadores de frigoríficos, milhares de operários das mais diversas profissões empenham-se, no Rio Grande do Sul, na conquista de melhores salários e condições de vida. Para isso unem-se e organizam suas forças, nos sindicatos e nas comissões de empresa, lutando ao mesmo tempo em defesa da paz, pela liberdade sindical e contra a dominação de nossa Pátria pelos imperialistas norte-americanos, que saqueiam o trabalho do povo e impõem à classe operária um regime de super-exploração. Durante o último ano, a classe operária gaúcha travou grandes

Trabalho Escravo Nos Frigoríficos

Funcionam no Rio Grande do Sul oito grandes frigoríficos, afere uma grande quantidade de pequenos. Seus proprietários, em geral, são os lanques da «Swift», da «Anglo» e da «Armour», raiosos exploradores da classe operária e dos camponeses, aos quais tratam com desprezo racista, como «seres inferiores».

Mais de dez mil operários trabalham nesses frigoríficos que se situam em Pelotas, Rio Grande, Rosário, Livramento e Porto Alegre. O trabalho é insalubre, pois os americanos não fornecem vestimenta adequada ao serviço de matança e frigorificação de carne. A exploração de mulheres e crianças é simplesmente monstruosa e raia ao absurdo: ganham Cr\$ 1,50 por hora, num trabalho exaustivo, superior às suas forças. Terminado o período de matança, vem o que chamam de «safrá-saca», isto é, tempo em que o gado está nas lavouradas, esgordando. Nessa época não há matança. Os frigoríficos despedem, então, os operários sem mais nem menos, que são jogados pelas estradas, passando toda sorte de privações. A «safrá-saca» dura cerca de seis meses, às vezes até mais tempo. Durante esse período levas e levas de operários partem pelas estradas, pelos caminhos «corredores» gaúchos em busca de qualquer emprego em qualquer parte. Terminam, assim, engrasando o número interminável de «marginais» que ocupam as margens das estradas.

A reivindicação fundamental dos trabalhadores em frigoríficos é, portanto, a garantia do serviço durante a «safrá-saca». Os trabalhadores necessitam ainda, do programa: «o de um salário justo para jovens e mulheres, de proteção para o serviço insalubre, de aumento geral de salários e uma série de outras reivindicações que variam de frigorífico e frigorífico, conforme o nível de organização e as condições de trabalho. Essas reivindicações vitais exigem dos trabalhadores uma ampla organização, partir de cada seção de frigorífico até a criação de comissões centrais e uniões indiciais. Pois é através da organização e da luta que os trabalhadores em frigoríficos alcançaram suas reivindicações, derrotando os imperialistas americanos, que lhes impõem a mais desastrosa exploração

Trágica a exploração nas minas do Cadem

A exploração a que se encontra submetida a classe operária, no Brasil, não tem limites. Mas a dos mineiros do CADEM, em Butiá e Arroio dos Ratos, é um drama que iguala o que há de mais bárbaro e monstruoso. Crianças trabalham em serviços insalubres, penetrando carvão ou cumprindo tarefas incompatíveis com sua idade. Os métodos de extração de mineral são mais primitivos possíveis, provocando um desgaste físico impressionante dos mineiros. A silicose atinge a todos os que entram nas minas: não há nem meios de proteção adequados nem métodos higiênicos de trabalho para protegê-los contra o mal. Os mineiros ficam inválidos ainda moços, envelhecem rapidamente e são atraídos ao léu.

Salário mínimo — este mesmo salário mínimo de fome fixado por Getúlio — não existe para os mineiros. Percebem eles 400 cruzeiros em chapa, que é o ordenado fixo. O resto são abonos que pode ser retirados a qualquer momento, como aliás vive a ameaça constantemente a administração.

Os mineiros lutam com vigor e energia, por um aumento de 25 cruzeiros diários na chapa, isto é, no salário fixo. Além disto querem a garantia e o cumprimento da jornada de 6 horas de trabalho. Cerca de 5 mil trabalhadores, espalhados em três minas — as duas mais importantes são do CADEM — unem seus esforços para lutar por essas reivindicações imediatas, pela taxa de insalubridade e por serviço para os menores condizentes com as suas forças, acompanhado de salário

Exigem os Ferroviários: Extensão A Todos, do «Quadro do Pessoal»

Os ferroviários formam a maior concentração operária do Rio Grande do Sul. Seu número eleva-se a 15 mil trabalhadores. A corporação, poderosa por seu número, também o é por sua compatibilidade. As tradições de luta dos ferroviários gaúchos remontam às manifestações grevistas de 1913-20 pela conquista da jornada de 8 horas de trabalho e têm sido mantidas com honra até hoje.

A GREVE DE 1951

A última grande luta dos ferroviários foi a greve de maio de 1951, nos primeiros meses do atual governo de

combates por esses objetivos e agora se encaminha para a instalação de seu I Congresso Sindical, que será um novo e importante passo para o desenvolvimento e para o êxito das lutas dos trabalhadores do Rio Grande do Sul. Já com 20 sindicatos unidos na luta contra a carestia da vida, os trabalhadores gaúchos começam a dar exemplos magníficos de seu espírito de unidade e de sua firme disposição de não se deixar esfomear sem luta, de derrotar a política de guerra dos tubarões chefiados por Getúlio e, assim, contribuir decisivamente para a causa sagrada da paz e da libertação nacional de nosso povo.

igual para igual trabalho. A luta dos mineiros, que enfrentam constantemente os esbirros da polícia de Getúlio e Dornelles, governo que manda empregar suas armas em defesa dos hediondos privilégios do CADEM, encontra a solidariedade carinhosa e vibrante dos trabalhadores de todo o país.



Aspecto do trabalho de mineiros de Leão, no município de São Jerônimo. Através desta fotografia pode-se ter uma idéia das condições desumanas de trabalho nas minas do CADEM.

Os Textéis em Luta Por 30 % de Aumento

Há 5 mil textéis em Porto Alegre. A maior parte trabalha nas fábricas Renner. Seus salários, em média, são de 28 cruzeiros por dia, verdadeira insignificância em face da alta crescente dos gêneros de primeira necessidade.

Os textéis em Porto Alegre estão em luta por aumento de salários e já conquistaram 10 por cento dos 30 que exigem, depois de duas intensas campanhas. O ponto culminante desta luta, até agora, foi a greve da Arrozeira Brasileira, que têm cerca de 400 operários. O movimento grevista durou duas semanas e o pelego do Sindicato, Júlio Vargas, não pôde impedir o seu desenvolvimento. Procurou manobrar por todos os meios, chegando a fechar as portas dos Sindicatos dos seus legítimos donos, os operários grevistas. Os trabalhadores da Arrozeira só regressaram ao trabalho com uma vitória parcial de suas reivindicações: 10 por cento de aumento nos salários e o pagamento de 50% dos dias de greve.

Os trabalhadores da Arrozeira Brasileira iniciaram o caminho à numerosa corporação de textéis, que não pode cruzar os braços enquanto a fome e toda sorte de privações batem às suas portas.

Getúlio. Cansados de promessas e a braços com a fome e a carestia crescente do custo da vida, os ferroviários recorreram à greve. Com extraordinária bravura souberam defender seus direitos, enfrentando o terror e voltaram ao trabalho com disposição de prosseguir a luta. Obrigaram, com sua combatividade, o governo a conceder o «Quadro do Pessoal», isto é, a reorganização do sistema de promoções e a fixação de novos salários. O «Quadro de Pessoal», entretanto, não atende às justas aspirações da corporação. Beneficia somente uma parte dos ferroviários, deixando de lado os diá-

Respondem com a Greve À Demagogia de Vargas

Desde os primeiros meses do governo de tirano Vargas, os trabalhadores gaúchos sabem que o grande estancieiro de Itá e Santa Reis, é um senhor da política dos grandes fazendeiros e capitalistas, dos americanos, que esfaumam e oprimem o nosso povo. A carestia da vida prosseguia em ritmo mais acelerado, com as violências contra as organizações operárias, que se permaneceram de fome, enquanto os tubarões enriqueciam cada vez mais. A esta política de fome e violências contra os trabalhadores e o povo, a classe operária gaúcha tem respondido com uma série de importantes movimentos grevistas para a seguir relacionamos.

15 DE MAIO DE 1951. Entram em greve 4 mil operários, reivindicando aumento de salários. A rede ferroviária paralisada em todo o Estado.

16 DE MAIO DE 1951. Em solidariedade aos ferroviários da V.F.R.G.S., paralisam o trabalho os 250 operários do Estado do Ferro Jacuí.

17 DE MAIO DE 1951. Entram em greve os trabalhadores dos bondes, ônibus, hidráulica e usinas, em Rio Grande em solidariedade à greve dos ferroviários e pelo pagamento de salários atrasados.

18 DE JUNHO DE 1951. Entram em greve os 1.500 operários da Carris de Porto Alegre, reivindicando 40 por cento de aumento de salários.

15 DE AGOSTO DE 1951. Entram novamente em greve os operários de Rio Grande (travessários, hidráulica e fiação) por 40 por cento de aumento.

31 DE AGOSTO DE 1951. Declaram-se em greve, pagamento de salários, os grantetores de Porto Alegre.

24 DE DEZEMBRO DE 1951. Greve dos ferroviários do sul, no município de São Jerônimo, por abono de Natal. Nesta greve, assassinado pela polícia, o mártir proletário Pedro Sousa.

26 DE DEZEMBRO DE 1951. Greve parcial dos ferroviários de Santa Maria por abono de Natal.

30 DE DEZEMBRO DE 1951. Entram em greve de solidariedade os operários de transportes de Rio Grande. O movimento durou 15 minutos e paralisou todo o tráfego. Depois da greve de advertência, entram em greve geral no dia seguinte.

11 DE JANEIRO DE 1952. Greve dos operários da Fábrica de Barro de São Francisco de Paula.

29 DE JANEIRO DE 1952. Greve de protesto da população operária da Vila Santa Luzia que se recusou a comprar e carne com os preços majorados. As ruas que dão acesso Vila foram bloqueadas pelo povo.

30 DE JANEIRO DE 1952. Greve geral em Novo Hamburgo. Paralisação de toda a cidade protestando contra o alto dos gêneros de primeira necessidade.

1 DE FEVEREIRO DE 1952. Greve de duas horas na Cia. Fiação e Tecelagem de Rio Grande. Pararam 700 operários.

5 DE FEVEREIRO DE 1952. Greve dos trabalhadores da Fábrica POOK, de Rio Grande. O dia 5 foi uma jornada de protesto contra a carestia da vida, na cidade de Rio Grande. Mais de 60 por cento dos estivadores não trabalharam. Cerca de 90 por cento do comércio fechou as portas. Realizou-se na cidade um comício com mais de 7.000 pessoas.

17 DE FEVEREIRO DE 1952. Greve dos trabalhadores da Cerâmica São Jerônimo, de Pelotas.

13 DE FEVEREIRO DE 1952. Greve de meia hora na Cia. Brasileira de Vidros, em Porto Alegre.

2 DE ABRIL DE 1952. Greve dos textéis da Arrozeira Brasileira, de Porto Alegre. Greve dos operários da Serraria Ouro-Verde, de São Francisco de Paula.

Cooperativa nos salários dos trabalhadores, mas não efetiva o competente pagamento à Cooperativa. Com isto a Cooperativa está ameaçada de cerrar as portas, ocasionando um sério desajuste nas contribuições já recolhidas pelos ferroviários. Uma das reivindicações dos trabalhadores da V. F. R. G. S. de caráter imediato, é, portanto, o pagamento das dívidas da Ferrovia à Cooperativa. Os ferroviários exigem também o direito de sindicalização, que lhes é negado desde a época do Estado Novo.

Organizados na Coligação Ferroviária, associação que congrega grande número de operários, os ferroviários ampliam sua unidade e marcham para novas lutas por suas justas reivindicações.

15 Mil Metalúrgicos Reclamam 350 Cruzeiros de Aumento

EXISTEM perto de 15 mil operários na indústria metalúrgica de Porto Alegre, os quais percebem, em média, 800 cruzeiros por mês — salário de fome, abaixo do mínimo reconhecido pelo próprio governo como necessário para que um trabalhador solteiro consiga alimentar-se. Não é por acaso que os metalúrgicos gaúchos habitam, em sua maioria, em casebres de tábuas e enfrentam todas as privações possíveis, enquanto seus patrões moram em palacetes de luxo, de um milhão de cruzeiros, têm fazendas de recreio, casas de verão na praia e vivem jogando nos casinos de Ponta del Leste. A fome dos metalúrgicos e de suas famílias sustenta o fausto dos grandes industriais do ramo.

É claro que, nessas condições, os metalúrgicos têm o dever de honra de defen-

der os direitos seus e de seus filhos, de não se deixarem matar de fome. Sua luta por melhores salários amplia-se cada vez mais, apesar das manobras do pelego ademarista José Cesar de Mesquita, traidor da classe operária que se encontra na presidência do Sindicato. Os metalúrgicos, contudo, não abandonam o Sindicato, pois jamais o entregariam ao pelego para que o empregue contra os interesses dos próprios trabalhadores. Ao contrário, os metalúrgicos vão para dentro do Sindicato e, em assembleias gigantescas, de cerca de mil sócios, pressio-

nam o pelego, desmascaram suas manobras e unificam a corporação para a luta por 350 cruzeiros de aumento nos salários.

Segundo o exemplo dos metalúrgicos paulistas, que há um ano, em memorável movimento grevista, apoiou do nas organizações dentro das empresas e na unidade da massa, dentro do Sindicato, conquistaram o aumento do preço da carne. Sob a bandeira de saqueiros e exemplo dos trabalhadores de Novo Hamburgo, desenvolveram-se no Estado grandes manifestações: passeatas, comícios, greves de protesto, etc. Em Santa Maria, Porto Alegre, Rio Grande e outros municípios realizaram-se comícios de milhares de pessoas. Em Porto Alegre, 23 Sindicatos e Associações apoiaram o comício patrocinado pela U.E.T. Em outros municípios, como o de Pelotas, os Sindicatos estão também organizando comícios para a luta contra a carestia.

Nas greves por aumento de salários, os metalúrgicos ainda este espírito unitário. Da greve da Arrozeira Brasileira, em Porto Alegre, participaram todos os 400 operários que ali trabalham e durante os 10 dias de paralisação contaram os grevistas com a franca solidariedade dos demais trabalhadores. Graças a esta unidade operária que se vai estabelecendo, os tranviários de Porto Alegre e os fluviários do Estado obtiveram êxito em sua luta por aumento de salários. Foi ainda o espírito de unidade que levou os trabalhadores da Carris a conseguirem uma vitória parcial na sua última greve que durou cerca de 20 dias, pelo recebimento dos 40% de rebaixa em seus salários.

O mais claro exemplo desta unidade foi, sem dúvida, o grande comício unitário de 1.º de Maio, do qual participaram cerca de 4 mil trabalhadores. Além do secretário geral da U.E.T., falaram vários diretores de Sindicatos, dos 16 que assinaram o manifesto de convocação do comício.

Outro magnífico exemplo de unidade foi o Comício Estadual dos Portuários Gaúchos, realizada no mês de Maio em Porto Alegre. Esteve presente a esta Convenção um representante da Associação Hidroviária, de tendência diferente das demais Associações que participaram da Convenção e que se comprometeu a defender o programa comum de luta aprovado. Resoluções de grande importância para o fortalecimento da unidade operária foram aprovadas, como sejam a mensagem à F.S.M. e as mensagens à C.T.B. e à Federação dos Marítimos no sentido de que seja realizada uma Convenção Nacional dos Portuários.

Abrem-se, assim, no Rio Grande do Sul, condições reais para unificar a classe operária por intermédio de suas organizações sindicais.

Para a unidade da classe operária não se deve impor condições. Trata-se de promover a unidade sem restrições, a unidade com todos os que estejam dispostos a lutar nos melhores condições de vida e de trabalho para a classe operária. Unidade por aumento de salários, unidade contra a carestia da vida, unidade pela paz e contra os inimigos dos trabalhadores — este o programa que defendem os comunistas e que é necessário levar à prática.

Com essa compreensão e as experiências já adquiridas, temos a certeza que o próximo Congresso Sindical Gaúcho, convocado pelas Federações Sindicais do Estado, será um marco no terreno da unificação do proletariado riograndense em sua luta contra a miséria e o atraso. Com essa compreensão de unidade saberão os trabalhadores lutar pela liberdade sindical, elaborando agora chapas e programas para a participação nas eleições sindicais reforçando e organizando, ao mesmo tempo, em cada empresa, novos conselhos sindicais. Para as chapas de candidatos às eleições os trabalhadores saberão escolher os melhores companheiros e protestar contra a portaria fascista do Ministério do Trabalho sobre eleições sindicais, que fere todos os preceitos de liberdade sindical.

É na luta pela unidade sindical dos trabalhadores nos melhores salários, para expulsar a fome de seus lares, que o proletariado vai localizar seus inimigos e compreender que este governo e este regime que ali existem, estão montados contra a classe operária e os pobres, a favor dos patrões e dos imperialistas americanos. É na luta pela unidade e pelas reivindicações que poderemos fortalecer o movimento sindical e dar aos trabalhadores a consciência de sua força, que será cada vez maior na medida em que se organizem nos locais de trabalho e entrem para os Sindicatos. A política de fome, de atraso e de guerra do governo prossegue ainda porque falta unidade e organização às massas trabalhadoras. É, portanto, unindo e organizando a classe operária, que poderemos construir mais rapidamente a frente única do povo capaz de liquidar o insuportável estado de coisas em que vivemos. Quanto a nós, comunistas, tudo haveremos de fazer para alcançar esta justa e inadiável unidade de combate da classe operária.

Unidade e a Organização Do Proletariado Gaúcho

Eloi MARTINS

AS LUTAS DOS TRABALHADORES GAÚCHOS, neste ano de 1952, têm sido mais intensas e apresentam maior caráter unitário.

Como vanguarda da classe operária, os comunistas compreendem melhor a importância da unidade dos trabalhadores para derrotar os tubarões e os imperialistas que tentam passar o tempo enquanto o povo que trabalha e produz vive passando fome. Por isso a preocupação dos comunistas é romper todos os obstáculos que se colocam no caminho da unidade da classe operária. Dentro dos sindicatos os comunistas procuram ser os campeões da unidade da massa por aumento de salários, por melhores condições de vida, por libertação sindical e trabalho para todos, entre outros.

Esta justa orientação tem dado seus frutos positivos. A luta contra a carestia da vida, por exemplo, vem proporcionando um importante avanço na unidade e na organização dos trabalhadores gaúchos. Em janeiro de 1952 iniciou-se grande movimento contra a carestia em todo o Estado. O movimento teve seu ponto alto na greve geral dos trabalhadores de Novo Hamburgo, no dia 30 de janeiro, quando o aumento do preço da carne. Sob a bandeira de saqueiros e exemplo dos trabalhadores de Novo Hamburgo, desenvolveram-se no Estado grandes manifestações: passeatas, comícios, greves de protesto, etc. Em Santa Maria, Porto Alegre, Rio Grande e outros municípios realizaram-se comícios de milhares de pessoas. Em Porto Alegre, 23 Sindicatos e Associações apoiaram o comício patrocinado pela U.E.T. Em outros municípios, como o de Pelotas, os Sindicatos estão também organizando comícios para a luta contra a carestia.

Nas greves por aumento de salários, os metalúrgicos ainda este espírito unitário. Da greve da Arrozeira Brasileira, em Porto Alegre, participaram todos os 400 operários que ali trabalham e durante os 10 dias de paralisação contaram os grevistas com a franca solidariedade dos demais trabalhadores. Graças a esta unidade operária que se vai estabelecendo, os tranviários de Porto Alegre e os fluviários do Estado obtiveram êxito em sua luta por aumento de salários. Foi ainda o espírito de unidade que levou os trabalhadores da Carris a conseguirem uma vitória parcial na sua última greve que durou cerca de 20 dias, pelo recebimento dos 40% de rebaixa em seus salários.

O mais claro exemplo desta unidade foi, sem dúvida, o grande comício unitário de 1.º de Maio, do qual participaram cerca de 4 mil trabalhadores. Além do secretário geral da U.E.T., falaram vários diretores de Sindicatos, dos 16 que assinaram o manifesto de convocação do comício.

Outro magnífico exemplo de unidade foi o Comício Estadual dos Portuários Gaúchos, realizada no mês de Maio em Porto Alegre. Esteve presente a esta Convenção um representante da Associação Hidroviária, de tendência diferente das demais Associações que participaram da Convenção e que se comprometeu a defender o programa comum de luta aprovado. Resoluções de grande importância para o fortalecimento da unidade operária foram aprovadas, como sejam a mensagem à F.S.M. e as mensagens à C.T.B. e à Federação dos Marítimos no sentido de que seja realizada uma Convenção Nacional dos Portuários.

Abrem-se, assim, no Rio Grande do Sul, condições reais para unificar a classe operária por intermédio de suas organizações sindicais.

Para a unidade da classe operária não se deve impor condições. Trata-se de promover a unidade sem restrições, a unidade com todos os que estejam dispostos a lutar nos melhores condições de vida e de trabalho para a classe operária. Unidade por aumento de salários, unidade contra a carestia da vida, unidade pela paz e contra os inimigos dos trabalhadores — este o programa que defendem os comunistas e que é necessário levar à prática.

Com essa compreensão e as experiências já adquiridas, temos a certeza que o próximo Congresso Sindical Gaúcho, convocado pelas Federações Sindicais do Estado, será um marco no terreno da unificação do proletariado riograndense em sua luta contra a miséria e o atraso. Com essa compreensão de unidade saberão os trabalhadores lutar pela liberdade sindical, elaborando agora chapas e programas para a participação nas eleições sindicais reforçando e organizando, ao mesmo tempo, em cada empresa, novos conselhos sindicais. Para as chapas de candidatos às eleições os trabalhadores saberão escolher os melhores companheiros e protestar contra a portaria fascista do Ministério do Trabalho sobre eleições sindicais, que fere todos os preceitos de liberdade sindical.

É na luta pela unidade sindical dos trabalhadores nos melhores salários, para expulsar a fome de seus lares, que o proletariado vai localizar seus inimigos e compreender que este governo e este regime que ali existem, estão montados contra a classe operária e os pobres, a favor dos patrões e dos imperialistas americanos. É na luta pela unidade e pelas reivindicações que poderemos fortalecer o movimento sindical e dar aos trabalhadores a consciência de sua força, que será cada vez maior na medida em que se organizem nos locais de trabalho e entrem para os Sindicatos. A política de fome, de atraso e de guerra do governo prossegue ainda porque falta unidade e organização às massas trabalhadoras. É, portanto, unindo e organizando a classe operária, que poderemos construir mais rapidamente a frente única do povo capaz de liquidar o insuportável estado de coisas em que vivemos. Quanto a nós, comunistas, tudo haveremos de fazer para alcançar esta justa e inadiável unidade de combate da classe operária.



Com Lutas de Massas o Povo Enfrenta os Tubarões

Será o Rio Grande do Sul o paraíso brasileiro, como afirmam os políticos burgueses? Sim, as terras são férteis e ricas, o povo ama o trabalho. Mas desgraçadamente, o povo gaúcho sofre sob o mesmo poder de latifundiários e agentes imperialistas, que infelicita todo o povo brasileiro. Vejamos o que é a realidade gaúcha.

OS TUBARÕES DA CARNE

Quase toda a produção de carne — a, note-se, a melhor carne do Estado — é exportada pelos frigoríficos americanos. Somente pela cidade de Porto Alegre, que não é centro produtor de carne, saíram em janeiro de 1951 nada menos de 2 milhões, 163 mil, 694 quilos de carne. A guerra traz grandes lucros para os fazendeiros e frigoríficos. Com a guerra da Coreia, a matança que decaira após o último conflito, volta a elevar-se. Em apenas dois meses, o frigorífico Swift abateu gado equivalente a um milhão de quilos. Grande parte desse gado traz a célebre marca 60 — a marca do latifundiário e agente do imperialismo e da guerra Getúlio Vargas.

RENDOSO NEGOCIO AS CUSTAS DO POVO

Entre os donos da carne no Rio Grande figuram os Vargas, os Goulart, os Dornelles, os Flores da Cunha. Esses homens têm nas mãos o poder. Disso se valem para fazer concessões aos frigoríficos e obter deles preço elevado para seu gado. É um negócio rendoso entre os fazendeiros do governo e os trustes americanos, sempre à custa do povo. Com efeito, conseguido o preço alto junto aos frigoríficos, tratam de equiparar aqueles os preços do mercado interno — o preço da carne de qualidade inferior que o nosso povo consome. O filho de Getúlio, Manoel Vargas, declarou que no Rio Grande pagamos muito barato pela carne. Enxertou, como latifundiário, um aumento. Houve protestos populares. Os fazendeiros, então, foram ao Rio, onde Cabello não teve dúvida em assinar a portaria do aumento. É verdade que a portaria não foi ainda posta em execução. Mas, isto é outra história. Os fazendeiros sabem que o povo não vacilará bem este novo aumento...

O PROBLEMA DO ARROZ

Não difere, em essência, o problema do arroz. Enquanto é posto à venda, no Estado, a preços inacessíveis para a população, grandes partidas são entregues a firmas exportadoras, como a «Wilson Sons», representante consular da Inglaterra. O Boletim da Associação Comercial de Porto Alegre, n. 158, que só faz referências aos negócios da Capital, informa: de 1 827.051 sacas de arroz entradas no comércio da cidade, 75 por cento se destinaram à exportação. Dos 25 por cento restantes, grande parte é retirada para forçar a alta do preço. Os armazéns da firma Lubisco, abarrotados de arroz, são um exemplo.

A manobra dos fazendeiros é esta: alegando que não há mercado interno para o arroz, destinam-no aos moinhos, onde, depois de transformados em farinha, são aproveitados para o fabrico do pão, de acordo com o decreto de Getúlio. Com isto valorizam o «quirera», arroz de pior qualidade, e logram aumentar o preço da saca, no mercado atacadista, de 191 para 220 cruzeiros.

APODRECE O TRIGO

Por falta de estradas, apodrece a produção de trigo. O truste Bunge & Borne pressiona para liquidar a produção tritícola, tendo como cúmplice o deputado trabalhista Pagnocelli, que controla as Cooperativas, impõe aos colonos preços inferiores à tabela, criando em muitos casos o desinteresse dos produtores nacionais pelo cultivo do trigo.

NEGOCIATAS

A frente da Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil se encontra o latifundiário Loureiro da Silva. Os contratos de financiamento e aquisição são sempre favoráveis aos tubarões e exploradores, entre os quais se encontram o próprio Loureiro, Getúlio e outros latifundiários.

SOBEM OS PREÇOS E O POVO LUTA

Em um ano de governo de Getúlio, com semelhante política, não é de admirar que os preços tenham quase dobrado em relação ao ano anterior. Mas, o povo não cruza os braços diante dessa situação e luta. A campanha contra a carestia amplia-se, atinge novas camadas, inflige derrotas aos tubarões e estancieiros do governo.

Na cidade de Santa Maria, sob a liderança da União Popular, que congrega quinze organizações, realizaram-se manifestações contra a carestia. Em Novo Hamburgo, os trabalhadores foram à greve geral. A cidade parou totalmente durante três dias e só voltou a ter vida quando os preços da carne e do pão voltaram aos níveis antigos. Em Porto Alegre, sucederam-se comícios contra a carestia. Assustado, o governo proibiu a manifestação de 6 de fevereiro, transformando a Capital numa praça de guerra. Mas, pouco depois, as ruas eram reconquistadas, com uma grande passeata de protesto contra o aumento do preço da carne. Os retalhistas, em assembleia no seu Sindicato, deliberaram não vender carne, caso fosse esta majorada. Na cidade do Rio Grande 90 por cento do comércio cerrou as portas, num dia de protesto contra a carestia.

As lutas do povo gaúcho, mostram que o governo de tubarões e agentes do imperialismo não têm as mãos livres para agir. O povo está vigilante e vendo na prática o que é um governo de guerra.



Donas de casa gaúchas protestam contra os altos preços dos gêneros e utilidades

O GOVERNO DE VARGAS TROUXE MAIS FOME PARA O POVO

PREÇOS DOS GÊNEROS	1950	1951	1952
Açúcar Uzina	4,50	4,80	6,50
Arroz agulha	3,90	4,60	6,00
Banha	15,00	15,80	16,00
Batata Inglesa	2,90	3,30	3,50
Charque	13,00	13,70	16,00
Farinha de Mandioca	1,40	2,20	3,20
Feijão preto	2,00	2,90	4,60
Leite — 1 litro	2,90	3,00	3,50
Manteiga	28,00	40,00	48,00
Ovos	9,30	10,00	16,00
Pão (ainda de trigo)	5,00	5,60	7,00 misto
Sal	2,50	3,00	3,50

O quadro acima nos mostra o aumento espantoso dos preços dos gêneros de primeira necessidade em Porto Alegre. No interior, embora existam variações, a proporção do aumento é idêntica e às vezes maior. Como se vê o governo de Vargas só trouxe mais fome e sofrimento para o povo. Os aumentos de 50 por cento para 52, durante o governo de Getúlio, foram superiores quase duas vezes, e em alguns casos mais até, aos aumentos que se verificaram durante o ano de 1950. Sem falar, nos alugueis.

Não por acaso as massas voltam-se cada

dia com mais ódio contra Vargas e sua camarilha de fazendeiros que se encontra no governo do país e do estado a serviço dos imperialistas ianques, de sua política de guerra, através da qual auferem grandes lucros a custa do povo, compram armas com os dinheiros arrancados à Nação, especialmente às classes trabalhadoras que pagam o peso dos impostos. A política de guerra do governo traz fome para os lares do povo que, bem compreendendo isto, luta cada vez com maior decisão pela paz e a independência nacional.

Os Sindicatos na luta contra a carestia

São os seguintes os sindicatos e entidades de trabalhadores do Rio Grande do Sul, cujos representantes firmaram um documento convidando o povo de Porto Alegre para a luta contra a carestia:

SINDICATOS: Gráficos, Alfaiates Operários das Empresas de Comunicações, Barbéiros, Tintureiros, Motoristas, Enfermeiros, Trabalhadores da Indústria de Bebidas, Trabalhadores em Hotéis, Construção Civil, Bancários, Trabalhadores na Indústria do Trigo, Operários na Indústria do Arroz, Práticos, Trabalhadores em Construção Naval, Marinheiros e Moços, Trabalhadores de Sabão e Velas, Motoristas e Condutores da Marinha Mercante, Metalúrgicos; ASSO-CIAÇÃO: Graniteiros e Portuários e Coligação dos Ferrovários do Rio Grande do Sul.

AOS NOSSOS LEITORES DO R. G. DO SUL

Agradecemos a todos os nossos leitores que colaboraram na presente edição dedicada ao Estado natal de Luiz Carlos Prestes. Infelizmente, a carência de espaço nos impediu de incluir nesta edição todas as cartas, reportagens e colaborações enviadas. Entretanto, elas irão sendo publicadas nas próximas edições, e na medida do possível, com o destaque pedido pelos que nos escreveram.



GRANDE VITÓRIA...

(Conclusão da Página 4)

enviadas tropas brasileiras para a Coreia. Já está, a caminho de ser ratificado pelo Congresso, o Acordo Militar Brasil-Estados Unidos, baseado nos mesmos termos dos acordos entre os Estados Unidos, o Chile e o Uruguai, que tão poderosa repulsa estão provocando entre os povos daqueles países. O conteúdo desse Acordo precisa ser levado ao conhecimento de milhões de brasileiros. Com a visita do conhecido traficante de guerra Dean Acheson, novos passos foram dados para o estabelecimento de

comando militar único no Atlântico Sul.

Todas essas medidas guerreiras — tomadas à revelia do nosso povo — encontram a mais cerrada oposição no seio da opinião pública. Por isso mesmo, a campanha do Apelo em São Paulo — onde mais de 1 e meio milhão de pessoas já se apoiaram — no Distrito Federal — onde meio milhão de pessoas já o subscreveram — assim como em Minas Gerais, cujo povo é conhecido por seu tradicional amor ao trabalho pacífico só poderá dar novos e mais vigorosos passos e alcançar completa vitória.

Voz das Fábricas

AUMENTO PARA OS FERROVIÁRIOS DA LEOPOLDINA

Setenta por cento dos ferroviários da Leopoldina ganham o salário mínimo de fome decretado em janeiro último por Getúlio. Por esse motivo, estão lutando pela aprovação de uma tabela elaborada no Sindicato e entregue à direção da empresa, que estabelece uma majoração de 40 por cento para os salários até 2.400 cruzeiros e daí em ordem decrescente. Essa campanha é feita sem prejuízo da que desenvolve o funcionalismo público, onde se incluem os ferroviários da Leopoldina.

OS TÊXTEIS CARIOCAS MARCAM UM PRAZO

Milhares de têxteis cariocas estiveram presentes à assembleia realizada domingo último em seu Sindicato. O tema central das discussões foi o aumento de salários, reivindicação que se encontra na Justiça do Trabalho há longo tempo. Agora, os têxteis fixaram um prazo de 20 dias, a partir da data da assembleia, para que a Justiça se pronuncie. Em caso contrário, irão à luta. Na reunião, os têxteis assentaram medidas para fortalecer sua organização no Sindicato e nos locais de trabalho. Foi criada uma Comissão de Solidariedade.

PROTESTO CONTRA A DEMISSÃO DE FERROVIÁRIOS

Cerca de quinhentos mineiros de S. Jerônimo e ferroviários de Jacuí enviaram um documento à Assembleia Legislativa gaúcha protestando contra a injusta demissão de 24 ferroviários da E. F. Jacuí por terem participado da greve de 24 de dezembro último. A demissão desses trabalhadores, alguns até com perto de 30 anos de serviço, foi aprovada pela Justiça do Trabalho de S. Jerônimo e está provocando indignação entre os trabalhadores gaúchos.

ASSEMBLEIA DOS MINEIROS DE MORRO VELHO

Dois mil mineiros de Morro Velho, Minas Gerais, compareceram a uma assembleia em seu Sindicato a fim de tratar da questão do reajustamento dos seus salários. Durante os debates usou da palavra o líder mineiro Anelio Marques, afirmando que a Companhia pode pagar o pleiteado pelos trabalhadores, conforme, aliás, já se havia comprometido.

TREZENTOS DIMITIDOS

Mais de trezentos operários da Cia. Taubaté Industrial, São Paulo, de propriedade do tubarão Felix Guisard Filho, foram lançados ao desemprego. Alega o industrial que há «superprodução de tecidos». Na verdade, o objetivo de Guisard é impedir que os operários completem um ano de trabalho na fábrica.

APROVAM O PROGRAMA

Em assembleia realizada domingo último em seu Sindicato, os têxteis de Caruaru, Pernambuco, aprovaram o programa de luta dos têxteis de Pernambuco, que inclui a reivindicação de um aumento de 50 por cento nos salários, a abolição da assiduidade e o respeito pela jornada de 8 horas. A reunião esteve presente o deputado Roberto Moreira, secretário-geral da Confederação dos Trabalhadores do Brasil.

Inspirados no Manifesto de Agosto Lutam os Camponeses Gauchos

Hebe TRINDADE

ANTES do lançamento do Manifesto de Agosto houve várias lutas camponesas, duas de grande envergadura. Os trabalhadores das plantações de arroz, em Rosário do Sul, fundaram o primeiro Sindicato Rural, centenas de trabalhadores nele se associaram e fizeram respeitar vários de seus direitos — férias, estabilidade, etc. O prestígio do Sindicato se estendeu a milhares de assalariados agrícolas e pequenos proprietários que, por sua vez, fundaram uma Liga Camponesa. Mas, sem uma perspectiva clara de luta, os camponeses não puderam manter suas organizações frente à selvagem reação desencadeada pelos grandes plantadores e grandes estancieiros.

Na zona do Planalto, as matas virgens da ICA, latifúndio de 100.000 hectares, foram ocupadas por cerca de 1.200 famílias camponesas. A situação que a população emprestava àquela movimentação era tão calorosa que a reação recorre várias vezes de suas investidas armadas contra os ocupantes das terras. Mas, utilizando o engodo e a corrupção, iludindo os chefes através de advogados e com promessas do governador, a reação terminou por despojar a paisagem de milhares de camponeses, cujos ranchos foram incendiados.

Depois que Prestes lançou o Manifesto de Agosto, os camponeses começaram a compreender que seu verdadeiro aliado é a classe operária, dirigida pelo Partido Comunista. Começaram a lutar com uma nova perspectiva. Os antigos assalariados e meeiros de São Francisco de Paula, por exemplo, tomaram as terras devolutas até então em poder dos grileiros que os exploravam. Bandidos policiais investem ferocemente contra esses camponeses, a fim de intimidá-los para que abandonem essas terras cobradas pelo filho e pelo afilhado de Getúlio — Manuel Vargas e João Goncalves. Mas os camponeses permanecem nas terras que ocuparam. Mais de 100 camponeses da «Picada» e da «Fazenda Velha» leram em assembleia o Manifesto de Agosto e preocuparam-se, hoje, em formar um amplo Comitê da Frente Democrática de Libertação Nacional que unifique todos os camponeses dali e possam, assim, assegurar a posse da terra que têm necessariamente e legítimo direito de possuir.

O Manifesto foi amplamente difundido entre os colonos de Erechim, que já participam de forma ativa na luta pela paz. Há pouco, os colonos organizaram uma passeata à cidade, exigindo diretamente do Prefeito o cumprimento das promessas eleitorais: sementes baratas e garantidas, escolas, crédito, entre outras reivindicações, inclusive a garantia de receberem por seu trigo o preço mínimo fixado.

Os posseiros de Bagé organizaram um amplo Comitê junto com os pequenos proprietários e arrendatários. Assim unidos derrotaram o projeto demagógico do deputado Glicério Alves, inspirado pelo truste americano do trigo «Bung & Born» que, a pretexto de uma reforma agrária ao gosto dos latifundiários, começaria pela desapropriação dos posseiros.

Entre os pequenos arrendatários cresce a compreensão da necessidade de luta pela rebaixa do arrendamento, pois a renda da terra é tão elevada que absorve totalmente o resultado de seu trabalho. Há casos em que os arrendatários chegam mesmo a ficar devendo aos donos da terra.

A palavra de ordem do Manifesto de Agosto — **ENTRE-CA DA TERRA A QUEM A TRABALHA** — expressa a reivindicação mais geral dos camponeses, que se movimentam em várias localidades para a formação dos Comitês da Frente Democrática de Libertação Nacional, para a conquista da terra, da paz, e de um governo democrático popular.

Quem são os donos da terra No Rio Grande do Sul?

QUEM SÃO OS LATIFUNDIÁRIOS GAUCHOS

Enquanto os latifundiários e seus porta-vozes alardeiam que no Rio Grande do Sul não existe o latifúndio, os dados do recenseamento de 1940 mostram que das 330.000 propriedades existentes no Estado, 30.000, apenas, possuem mais da metade da área de todo o Estado, isto é, mais de 1.500.000 hectares.

E quem são esses latifundiários? Justamente os homens que dominam o governo federal e o estadual.

Getúlio Vargas possui propriedades com mais de 20.000 hectares (Fazenda Ita, São Pedro e é sócio da Cabanha Azul, etc.). João Goulart, atual presidente do PTB, tem mais de 20.000 hectares de terra, Marcel Pagnon, mais de 30.000 hectares e é, praticamente, dono dos municípios de Tupanciretã e Tullio de Castilhos. Di Prímio Beck, ao qual está ligado o senador Pasqualini, é dono de grandes áreas no município de São Jerônimo e da Cia. Obras e Terras Gerais, proprietários de vastas extensões de terra nos municípios de São Leopoldo e Porto Alegre. Batista Luzardo é proprietário de grande e luxuosa estância em Uruguaiana. A família Flores da Cunha e Guerra detem mais de 40.000 hectares em Livramento e o próprio deputado Flores da Cunha possui uma propriedade nos arredores de Porto Alegre com mais de 1.000 hectares.

Para se ter uma idéia de como avança o latifúndio no Rio Grande do Sul basta olhar o município de Livramento. Ali, num total de 3.872 propriedades rurais com uma área de 670.000 hectares, mais da metade dessas terras, isto é, 390.000 hectares, encontra-se em mãos de apenas 146 proprietários (menor de 4% do total de proprietários).

UM EXEMPLO DOS IMPOSTOS

Essas 146 propriedades latifundiárias, que representam 55 por cento de todo o capital do município de Livramento, pagaram em 1947 de impostos de vendas e consignações 1 milhão e 300 mil cruzeiros, enquanto o comércio e a indústria, que representam somente 2,2% do capital pagaram 6 milhões e 650 mil cruzeiros. O frigorífico americano Armour, que possui duas vezes e meia mais capital que toda a indústria e comércio de Livramento, reunidos, paga apenas pelo mesmo imposto, 2 milhões e 300 mil cruzeiros. Esses números dizem, de modo mais claro, em benefício de quem age o governo atualmente existente no país e em benefício de quem se fazem as leis: em proveito dos latifundiários, dos trustes imperialistas e seus agentes no país.

Não há, no Rio Grande do Sul, quem não conheça o drama dos marginais. São milhares e milhares de camponeses que, lutando à miséria do campo, se atiram para as cidades, onde se arrimam em qualquer canto, famintos e andrajosos, estabelecendo as famosas melocas ou favelas. Esta migração é constante e o número de marginais cresce dia a dia. Para justificá-la os porta-vozes da reação não encontram sequer o pretexto da seca, sempre invocado para reprimir as lutas e levar de camponeses nordestinos que fogem, todos os dias, da vida miserável e semi-escrava dos latifúndios. O drama dos marginais, o drama da miséria do campo que os cria, é o atestado gritante da existência do monopólio da terra, com todo seu cortejo de sofrimento e opressão para as massas camponesas, no Rio Grande do Sul.

LATIFÚNDIO TAMBÉM NA ZONA COLONIAL

Em que fica, então, a decantada divisão da propriedade da terra no Estado sulino? É certo que na zona chamada colonial para onde vieram os emigrantes estrangeiros no século passado, os latifundiários e seus governantes fizeram concessões de terras aos colonos, coisa que nunca fizeram, aliás, aos filhos do país. Mas as próprias terras cedidas aos colonos estão, hoje divididas e subdivididas, de tal sorte que muitas são insuficientes para o trabalho e o sustento de uma família camponesa. A maioria dos colões numerosos. Os descendentes dos colonos, diante da perspectiva de herdarem apenas uma nega de terra de exploração anti-econômica ou de não poderem mais aguentar a especulação e a opressão dos grandes proprietários, os impostos crescentes e a falta de crédito e assistência, engrossam também a legião dos que fogem para as cidades ou vão em busca de terras em outros Estados.

Na própria zona colonial o latifúndio existe e se reforma. Basta ver o caso de Erechim. Nesse município, um dos mais populosos do Estado, existe um latifúndio com 100.000 hectares, adquirido pelos banqueiros Potchilids com o propósito de localizar colonos judeus e hoje administrado pela Cia. Erebang, que faz o lucrativo comércio de madeiras uma das principais riquezas do Estado. É também em Erechim que se acham grandes áreas de terras destinadas ao Serviço de Proteção (na verdade, de Exploração) dos Índios, Capoceré e Cacique Doble, onde os indígenas vivem como escravos, trabalhando só pela comida.

Exploração de Crianças, Vale e Barracão Na Granja « Cel. Pedro Osório », em Pelotas

A grande massa de assalariados agrícolas do Rio Grande do Sul — cerca de 500.000 trabalhadores — enfrentam as pravações mais duras. Sua principal ocupação é na colheita de arroz e para terem emprego precisam viver se deslocando de uma para outra plantação.

NENHUM DIREITO

Os assalariados agrícolas carecem de assistência social, pois não lhes é reconhecido nenhum direito, da Legislação Social — ser extensiva. Os grandes plantadores e o governo «trabalhista» de Vargas e Dornelles fazem causa comum para perseguir aqueles que reclamam seus direitos.

Os trabalhadores que possuem Carteira Profissional são despedidos ou recusados aos empregos. Apesar do caráter insalubre do trabalho na lavoura de arroz, os trabalhadores não recebem qualquer tipo de assistência médica. Os plantadores só prestam socorro médico em finalidades eleitorais.

OS GRANDES PLANTADORES NÃO RECONHECEM NENHUM DIREITO AOS TRABALHADORES AGRÍCOLAS — CRIANÇAS FAZENDO TRABALHOS EXTENUANTES E SALÁRIOS DE FOME — PREÇOS ESCORCHANTES NO BARRACÃO E NA CANTINA — OS ASSALARIADOS COMEÇAM A LUTAR SOB A ORIENTAÇÃO DO MANIFESTO DE AGOSTO

EXPLORAÇÃO DE CRIANÇAS

Um exemplo da situação geral dos assalariados agrícolas no Rio Grande do Sul pode ser encontrado na granja Arroio Sujo, em Pelotas, que ocupa uma extensão de 15.000 hectares. Nela se ocupam permanentemente mil pessoas, sendo que em tempo de safra esse número duplica.

Na Granja acha-se uma das poucas escolas ao alcance dos assalariados agrícolas. Mas, de cerca de 200 crianças em idade escolar ali existentes, apenas 57 frequentam a escola. O patrão corta o ponto das que vão à aula: as crianças trabalharão como os adultos, apesar de perceber apenas de Cr\$ 2,50 a Cr\$ 6,00 por dia. Com isso, as crianças

mais de légua para atingir a lavoura, carregam e trabalham com arados grandes, pesadíssimos. A lavração do ano de 1951, toda ela, foi feita com essas crianças.

REGIME DO VALE E DO BARRACÃO

As mulheres solteiras ganham 10 cruzeiros por dia e as casadas, 12 cruzeiros. São utilizadas para cavar cantos de marachas com enxadas e cortar pés de medas com machados curtos, trabalhando ajoelhadas no barro.

Os salários dos homens não chegam para sustentar uma família. Os solteiros ganham 15 cruzeiros e os casados, de 17 a 18 cruzeiros. Por isso os filhos e as mulheres desses trabalha-

dores são obrigados a se sujeitarem a uma exploração ainda mais brutal.

Mas os trabalhadores não recebem os salários em dinheiro. Recebem-nos em vales que, por sua vez, só são descontáveis no armazém e no açougue (barracão ou cantina) de propriedade da Granja. Os preços cobrados são os mais escorchantes e os barracões, em nenhum caso, fornecem além do salário ganho.

LUTAM GUIADOS PELO MANIFESTO DE AGOSTO

Os assalariados agrícolas procuram organizar-se em torno de suas reivindicações. Procuram se esclarecer para fazer valer as conquistas do proletariado que lhes são extensivas. Cada

dia aumenta o número de trabalhadores de granja que reclamam o contrato de trabalho na Carteira Profissional. Começam eles a lutar pelo direito de férias, direito à estabilidade e indenização prévia, assim como para serem imediatamente assegurado o salário-mínimo de 650 cruzeiros que, apesar de miserável, para eles já representa uma conquista.

Os trabalhadores rurais começam a despertar para a luta em contacto com as palavras de Prestes no Manifesto de Agosto. Quando esclarecidos sobre o Manifesto, tratam da formação dos Comitês da Frente Democrática de Libertação Nacional, instrumentos para a conquista da terra e de um Governo Democrático Popular que assegurará esta conquista aos camponeses sem terra ou donos de pouca terra e os meios necessários para produzirem em liberdade e livre da exploração dos latifundiários e grandes capitalistas.

Voz dos Camponeses

MIL FLAGELADOS AS SALTAM UMA CIDADE

A cidade de Assê, no Rio Grande do Norte, foi assaltada por cerca de mil flagelados famintos que invadiram casas comerciais, apoderando-se de alimentos. Essas vítimas das secas vinham conseguindo manter-se trabalhando nas obras de emergência empreendidas pelo governo do Estado e governo federal — agora bruscamente suspensas sob o alegado de falta de verbas. Prodiros pela fome, desfilaram ir buscar alimentos onde os houvessem.

PERSEGUIÇÕES NA GUAJUBIM

Novas perseguições policiais contra camponeses vêm de se verificar na fazenda Castelo, município de Guacuí, Espírito Santo. Três camponeses — José Domingos Mex, Osvaldo Diniz e João Alves da Silva — foram como o diarista João Gaido foram presos por que sustentavam reivindicações de melhores condições de vida para os camponeses. Os três primeiros são membros do U.T.G.C., organização que defende os trabalhadores agrícolas.

TRAGÉDIA EM CAMPOS

Na localidade de Leme, Pês, município de Campos, o lavrador Abel José Fernandes, quando atirava sobre um galinheiro a criação de galinhas atingiu um dos filhos de nove anos.

A SECA NO CEARÁ

Mais de dois mil camponeses vítimas da seca que vinham trabalhando na rodovia Carreus-Independência no Ceará, foram lançados ao desemprego, sob o pretexto de que não há verbas para a continuação daquela obra. Cada camponês demitido recebeu 20 quilos de grãos e uma enxada de madeira amarrada a uma fita verde-amarela, pendendo um cartão com os seguintes dizeres: «Presidente da República — Comitê de Abastecimento do Nordeste — SERTÃO JO AGRICULTOR: O presidente Getúlio Vargas te manda esta encomenda. Com ela voltarás à tua humilde casa à grandeza e felicidade do povo só serão conseguidas com o aumento da produção, tirada da terra pelo teu focinho trabalhoso. Um dos camponeses despedidos esteve no jornal «O Democrata», de Fortaleza, afirmando que por mais que seja sua boa-vontade, nada consegue tirar da terra reassomada.

**SERCIPANO
LUTA EM DEFESA
DO PETRÓLEO**

Grande assistência lotou por completo o salão nobre do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, durante a realização do II Congresso Sergipano de Defesa do Petróleo e da Economia Nacional. A mesa que dirigiu a reunião sentaram-se numerosas personalidades do Estado, como o professor Manoel Freire, presidente do Centro; deputados Jocelino de Carvalho, representando oficialmente a Assembleia Legislativa e Belxas Dória, ambos da UDN; sr. Clodoaldo Passos, presidente da Cooperativa dos Plantadores de Cana de Açúcar; dr. Sílvio Santana; dr. Antônio Garcia Filho, membro da Ação Católica; acadêmicos José Bessa de Oliveira Neto, da Faculdade de Direito; vereadores Davio de Melo Dantas, Nelson Vieira de Araújo (ambos da UDN) e Lindolfo Campos Sobrinho, do PSP; professora Osmínia Soares, representando a Associação Feminina e sr. Honorário Alves, do Partido Socialista.

Usaram da palavra vários oradores, inclusive parlamentares. Foram aprovadas as resoluções da I e II Convenções Nacionais de Defesa do Petróleo e diversas moções dirigidas a deputados federais condenando a Petrobrás e reclamando a adoção de monopólio estatal para a exploração do petróleo. (Do correspondente em Aracaju).

**UMA BESTA
NAZISTA O
DELEGADO
DE APUCARANA**

O atual delegado de polícia de Apucarana, conhecido como Sampaio, vem praticando as maiores arbitrariedades e introduzindo nesta cidade métodos de tortura semelhantes aos de Hitler e que despertam entre a população a maior repulsa. Sampaio, que é um desclassificado, elemento que vive da exploração do jogo, submete honrados trabalhadores a torturas para que confessem na polícia crimes que não cometeram. Na delegacia de polícia há um rústico aparelho para aplicação de choques elétricos nos presos. O aparelho consiste em dois grandes pregos ligados a fios elétricos que ele determina aos presos que segurem. Em seguida, liga o contato e ri dos pulos da vítima, que termina rolando ao chão, desmaiada. Se a vítima se recusa a segurar os pregos, o delegado os põe nas orelhas ou nas fossas nazais dos presos. O espetáculo provoca verdadeiro gozo no delegado Sampaio.

Os fatos acima foram tornados públicos por um semanário que circula nesta cidade, e que, apesar de reacionário, não pode deixar de refletir a indignação do povo de Apucarana diante das bestialidades desse polícia que o governador Munhoz da Rocha mantém para suprema humilhação dos habitantes desse município. (Do correspondente em Apucarana, Paraná).

VOZ dos LEITORES

"Sou Operário da Panificação Há 28 Anos"

Antônio VILAGRAN

Sou operário da panificação. Trabalho na padaria Araçuaia há 28 anos. Passei por todas as seções. Desde varredor, padeiro, moinheiro, fi-deleiro e atualmente sou confeiteiro e forneador. Ganho Cr\$ 22,50 por dia. Na fábrica, trabalham comigo 56 operários, muitos menores e mulheres e os salários deles variam entre 16 e 25 cruzeiros, existindo, entre eles, muitos com cerca de 40 anos de trabalho na firma. Muitas vezes por doenças justificáveis os operários faltam e a sua falta é descontada nos salários.

Enquanto isso o patrão, que começou com uma pequena padaria, tem hoje uma grande fábrica montada com 3 fornos dos mais modernos e grandes fidelarias e secas-

dores dos mais modernos e grandes moinhos. Além disso, a firma já adquiriu uma Colônia onde, na safra de 51, plantando 1.000 sacas de semente de trigo, colheu 12.000 sacas. Não obstante alega todos os anos que não pode aumentar os salários dos trabalhadores.

Dessa fábrica já saíram de 6 a 10 operários tuberculosos, sendo que uma operária, com 20 anos de trabalho, faleceu ali mesmo botando sangue pela boca. Os nossos salários não dão nem para 15 dias de alimentação. O mínimo que um operário precisa para alimentar sua família é 2.000 cruzeiros. Mas quando os operários se reúnem e reclamam aumento de salários são perseguidos e postos na rua e ainda mul-

tas vezes ameaçados com polícia.

Os patrões trouxeram também dois patrícios seus, corridos da Espanha de Franco pela miséria e pelo terror e que, aqui na fábrica, transformaram-se em carrascos dos trabalhadores brasileiros.

Desde 20 de fevereiro deste ano fui eleito Presidente do Sindicato dos Panificadores, por 24 votos contra 4, apesar das dificuldades que o Ministério botou para não deixar que essa assembleia e eleição se realizassem. Até hoje a nova Diretoria não foi reconhecida pelo Ministério do Trabalho.

Esse é o motivo por que admito e leio a VOZ OPERÁRIA, jornal que ensina os trabalhadores a lutar em defesa dos seus direitos.



Arquivamento do Processo Contra Prestes

MEMORIAL ENVIADO AO JUIZ DA 3.ª VARA, NESTA CAPITAL, POR CENTENAS DE CIDADÃOS DE PELOTAS

«O infame processo contra Luiz Carlos Prestes e outros dirigentes comunistas encontra enorme oposição entre o povo de Pelotas. Numerosos abaixo-assinados têm sido dirigidos ao juiz da 3.ª Vara Criminal, nessa capital, reclamando o arquivamento do processo inique. Um desses documentos, assinado por cerca de 500 cidadãos de Pelotas, tem o seguinte texto: «Manifestamos, por meio deste, nosso desejo de que seja arquivado o processo contra Luiz Carlos Prestes e seus companheiros, líderes da classe operária, que lutam por pão, paz e liberdade.» Assinam a petição os patriotas Honorato Freitas, Adão Xavier Alves, Mario Garcia, drs. Vivente

Real, A. Q. de Aguiar Valente, Adail Azevedo, Aplo Claudio de Lima Antunes, Antonio Ferreira Martins, poetisa Walkiria Neves Goulart, Marler Barros Elste, Albertina Passos, Inácia Pereira e cerca de quinhentos outros.» (Do correspondente em Pelotas).

HOMENAGEM A PRESTES E A SUA HEROICA COMPANHEIRA

Em homenagem ao Cavaleiro da Esperança, o ferroviário Manoel Metelo Inverno deu a seu mais novo filho o nome de Luiz Carlos; outro ferroviário, Antônio Pereira Leite, viu enriquecida sua família com o nascimento de uma linda menina. Em homenagem à heroica companheira de Prestes, deu-lhe o nome de Olga. (Do correspondente em Aquidauana, S. Paulo).

TUDO O QUADRO DO "IPIRANGA F.C." ASSINOU O APÊLO POR UM PACTO DE PAZ

«O Ipiranga F.C. é um dos melhores conjuntos amadores do Estado. Em 1950 foi o campeão gaúcho na categoria e em 1951 terminou o campeonato em segundo lugar. Estas destacadas atuações fazem do Ipiranga F.C. um clube dos mais populares, notadamente na cidade de Erechim, onde ele tem sede. Para atingir o título de vice-campeão, o Ipiranga descreveu uma longa trajetória, percorrendo 8 mil quilômetros em todo o Estado e disputando renhidos jogos o último dos quais em Santa Maria (campo neutro), contra o «Sá Viana», quando foi abatido pela contagem de um goal a zero.

Os rapazes que constituem o Ipiranga são ardentes partidários da paz. Sabem que só num clima de paz são possíveis animadas competições esportivas, ao passo que a guerra significa a mobilização, a morte estúpida num campo de batalha. Por isso, todos os jogadores do Ipiranga assinaram o Apêlo por um Pacto de Paz e o arqueiro do quadro, Miguel, é membro do Conselho Municipal de Defesa da Paz, desta cidade. É este o quadro do Ipiranga, que assinou em peso o Apêlo por um Pacto de Paz: Miguel, Fraimer e João Ribeiro; Ronchetti, Bino e Celso (Peruca); Francisco, Carlinhos, Quinzinho, Marimba e Chinês (Cirinho).

Além dos jogadores assinaram também o Apêlo o atual vice-presidente do Clube, dr. Fernando Silveira e o ex-técnico e massagista.

O pronunciamento dos jogadores do Ipiranga em favor da paz tornou-o mais querido ainda no Estado. (Marinho Kern, Erechim, R.G. do Sul).

Vitoriosamente realizada...

(Conclusão da Pagina 2) do Rio, de São Paulo e da Bahia; os trabalhadores da «Standard Oil», da «Light», da «General Motors» e de outras empresas enviaram mensagens de apoio aos trabalhos da Convenção e à luta contra a «Petrobrás» e pelo monopólio estatal do petróleo.

MENSAGENS DE PERSONALIDADES

Também destacadas personalidades da vida política brasileira, oficiais de diferentes unidades militares e câmaras enviaram mensagens de apoio à Convenção. Entre essas figuram as do ex-governador Otávio Mangabeira, de 11 deputados da Assembleia Legislativa do Maranhão, da quase totalidade dos vereadores da Câmara de São Luiz e da Câmara Municipal de Cacequi, no Rio Grande do Sul. CONGRESSOS REGIONAIS A III Convenção resolveu,

unanimemente, intensificar em todo o país a luta contra o projeto entreguista da «Petrobrás» e exigir, através da organização do mais vasto movimento de opinião pública, a solução do problema do petróleo através do monopólio do Estado. Ao mesmo tempo foi aprovada uma resolução para que se realizem, dentro de um mês, convenções regionais de defesa do petróleo, em todo o país, como um passo efetivo para o desenvolvimento da luta e da organização do movimento nacional contra a entrega de nosso ouro negro aos trustes.



UM PASSO A FRENTE

A Convenção encerrou-se com uma grande concentração, à qual compareceram alguns milhares de pessoas, no saguão da Câmara dos Deputados. Nessa oportunidade foram entregues à Secretaria da Câmara as resoluções do conclave e realizado um vibrante comício popular. O êxito da Convenção e o firma que nosso povo não tolera o crime que o governo de Vargas quer cometer, através de seu infame projeto da «Petrobrás», que entrega o petróleo brasileiro à Standard Oil. Ela foi um ponto de partida e um estímulo para que os patriotas acelerem em todo o país a campanha contra a «Petrobrás», levando-a a todos os setores populares, a fim de que o povo unido e organizado impeça o avanço da colonização americana em nossa Pátria.

PRIMEIRO DE MAIO DE 1950...

(Conclusão da Pagina 3) povo brasileiro no caminho indicado no Manifesto de Agosto para a destruição desse regime de fome, de guerra e opressão, mantido pelos latifundiários e gran-

des capitalistas serviçais do imperialismo americano, e para a conquista da paz, da libertação nacional e da democracia nacional. Nosso povo tem à sua vanguarda

o glorioso Partido de Prestes, o Partido que forja em cada operário e em cada patriota, heróis como Angellina, Honório e Euclides Pinto.

NOTA DA REDAÇÃO — Antonio Recchia, o autor deste artigo, é um dos heróis das lutas do proletariado de Rio Grande. Foi um dos principais dirigentes das manifestações de 1.º de Maio de 1950 e com bravura proletária e heroísmo comunista enfrentou junto aos trabalhadores, o assalto covarde da polícia. No combate, saiu gravemente ferido: várias balas atravessaram o seu corpo, indo uma alojarse na espinha. Hoje, paralisado, Recchia prossegue a luta corajosa de carimbo e de assistência de proletariado riograndense.

Soldados Americanos Ocupam o Solo Gaúcho

CONFISSÃO ABERTA DO PRÓPRIO CONSULADO IANQUE — OCUPAÇÃO DA BASE AEREA DE GRAVATAI — TERROR NAS FORÇAS ARMADAS DIRIGIDO PELOS COLONIZADORES

COM A conclusão do acordo assinado por Vargas e Truman, onde se estabeleceu o envio de nossos jovens para os campos de morte da Coreia, os ianques que operam em solo gaúcho desencadearam a mais violenta repressão contra os oficiais e soldados que não se curvam às suas ordens e honram, portanto, a farda brasileira.

Particularmente no setor das Forças Aéreas Brasileiras tem se desencadeado a violência ianque, pois a base aérea de Gravatai está ocupada por oficiais Americanos inclusive um oficial superior, que dita ordens ao Coronel Helio Brueman da Luz, comandante brasileiro da base mas que é verdadeiro joguete nas mãos dos Norte-Americanos.

PRISÕES ARBITRARIAS

Quase duas dezenas de sarrentos e oficiais tiveram suas residências invadidas e vasculhadas sendo presos de maneira furtivamente nazista, permanecendo incommunicáveis e sem direito a defesa. Na base de Gravatai, para onde veio um tira do DOPS do Rio, bem assim como agentes de FBI foram presos os sarrentos Felício Coelho de Medeiros, Jorge Botelho da Silva, Nilaner Romildo Peronet de Laforet e Sebastião dos Santos. Mais tarde o capitão Otacilio Lupi e o sub-tenente Mustafa Sfaier, ambos da aviação, foram presos brutalmente. O pai do capitão Lupi, oficial do exército, veio pela imprensa explicar os motivos da prisão de seu filho: o comandante desejava que ele cortasse a filha de sua amante, no que foi recusado. Passaram, então, a perseguir-lo como comunista, perseguição que culminou com a sua prisão.

Em São Gabriel dois oficiais do exército foram presos: o maior Itariba Vez e o capitão Nelson Pires. Mais tarde foi preso o capitão Paulo Machado, ex-comandante da base aérea de Gravatai e, posteriormente, os maiores Sebastião Dantas Loureiro e Fortunato Oliveira.

Todos foram acusados de atividades subversivas, nome com o qual os ianques que comandam nossas forças armadas qualificam aqueles que não se conformam em ver nosso exército transformado em milícia norte-americana.

CONFLITOS COM OS OCUPANTES AMERICANOS

Na base aérea são frequentes os incidentes entre brasileiros e ianques, pois os crimes desrespeitam nosso pavilhão e insultam constantemente o Brasil, provocando justa revolta de todos quantos se honram da farda que vestem, os quais são logo apontados como «comunistas», presos e torturados.

Tal ambiente de terror militar-policia implantado no Estado por ordem de oficiais norte-americanos, tem estimulado a ação de oficiais fascistas como o Tenente Coronel Victor de Mattos, comandante do 5.º R.C. de Uruguai, o qual por várias ocasiões implantou naquela cidade fronteiriça verdadeiro estado de sítio, levando à prática uma política orientada pelo Departamento de Estado, e ditada aqui pelos oficiais ianques, esse coronel odeia e persegue a todos os patriotas que lutam pela paz e pela defesa da soberania nacional.

As violências, entretanto, não conseguem quebrar o ânimo dos oficiais e soldados patriotas. Recentemente ainda, através de A Tribuna, soldados da Brigada Militar enviaram de seu soldo Cr\$ 423,00 à viúva do ferroviário Francisco Souza, assassinado pela polícia de Getúlio Dornelles quando em greve lutava pelo abono de Natal.

CONVOCADOS OS OFICIAIS DA RESERVA

Como parte do plano ianque para arrastar nosso povo à guerra, o comando da 3.ª Região Militar fixou na secretaria do O.G. um edital de convocação de ex-alunos do C.P.O.R., para um treinamento de 3 meses. Este preparativo desnecessário e que demonstra as intenções guerreiras do governo Vargas vai resultar num custo de 27 milhões de cruzeiros, uma vez que foram chamados 3 mil oficiais que receberão um soldo de 3.000,00 mensais. E' dinheiro que o governo arranca do povo para os preparativos militares que os ianques exigem.

A PALAVRA DO CONSULADO IANQUE...

A edição de 31 de Maio deste ano da «Folha da Tarde», jornal de Porto Alegre, estampava uma nota do Consulado Ianque convocando a se inscreverem no registro militar os americanos residentes no Rio Grande do Sul. A nota, entretanto, excluía aqueles residentes que estão servindo nas Forças Armadas dos Estados Unidos. Certamente o Consul não faz referência a soldados ianques residindo no Rio Grande e servindo nos Estados Unidos... A nota confirma que militantes ianques ocupam o solo riograndense.

O domínio ianque é claro e irresponsável, não só no terreno econômico e político, como agora nas próprias forças Armadas. Aí estão os gringos cujas botas pisam o nosso sagrado solo pátrio. Aí estão a enxovalhar nossas mais belas tradições de amor à paz, à liberdade e à independência nacional. Escondem-se do povo, disfarçam-se, perseguem e prendem os patriotas que se opõem à dominação estrangeira, mas não conseguem quebrar a resistência de nosso povo, dos oficiais e praças que honram a farda que vestem — resistência que cada vez mais amplia e terminará expulsando daqui os invasores imperialistas.

Sob a Bandeira de Prestes...

(Conclusão da Página 1)

o povo gaúcho. Ele é o melhor representante do patriotismo, da dignidade e das mais altas qualidades do povo brasileiro. E neste momento em que o tirano Vargas, cuja família, há longos anos, oprime as massas populares do Rio Grande e cujo governo, a serviço dos imperialistas Americanos, infelicitou a Nação, persegue e Cavaleiro da Esperança procurando atentar contra a sua vida e liberdade, o povo gaúcho une-se em torno de seu grande filho e luta. Luta sob a bandeira desfaldada, há vários anos, pelo Cavaleiro da Esperança: a bandeira invencível da paz, da libertação nacional e da democracia popular.

Vargas e seu bando

(Conclusão da Página 12)

OS AMIGOS E AFILHADOS

A FAMILIA Goulart é tida como um esteio de Vargas e, no dizer de muita gente, serve como leguete nas mãos do ditador. O que poucos sabem entretanto, é que os Goularts constituem uma das mais poderosas famílias do Rio Grande do Sul e que estão com os Vargas em pé de igualdade. Eles se colocavam, até bem pouco tempo, «acima» dos políticos. Limitavam-se a dar conselhos a Getúlio. Mas hoje, através de Jango Goulart, ingressam na política. E' que os quadros das classes dominantes começam a escassear.

Os Goularts são farristas inveterados. Possuem avião próprio cuja finalidade mais importante é transportar mulheres para as fazendas de Jango Goulart onde se realizam grandes bacanais. Isto para não se falar nas excursões, a Ponta del Este e nas farras em cassinos secretos de Porto Alegre.

OS HOMENS DA "OPosição"

MAS HA NO Rio Grande do Sul, também, os homens da oposição... São os inimigos de Vargas, naturalmente sempre prontos a reconhecer as virtudes do Ditador em troca de melhor lugar ao sol ou de qualquer ministério... Entre estas velhas raposas da política, é de se ressaltar o sr. Raul Pila e seu Partido Libertador partido de grandes fazendeiros, reacionários empedernidos que agora agitam a bandeira do parlamentarismo tentando enganar as grandes massas populares. Raul Pila, que fala tanto em liberdade, foi o homem do acordo infame de 37, que abriu também caminho para o golpe fascista de 10 de Novembro. Desse mesmo Partido homens desse acordo, são Walter Johim, Coelho de Souza — dono de grande cartório — e Oscar Fontoura, fazendeiros que não vacilaram em fechar as portas de seu próprio Partido em troca de um lugar no governo fascista que se instaurava com o Estado Novo. No poder, os homens do Partido Libertador trataram de locupletar-se, esquecendo com muita rapidez as bandeiras demagógicas que durante tanto tempo sustentaram.

O GENERAL DE PAPELÃO

Figura típica de caudilho gaúcho é Flores da Cunha, o «general sem batalhas», pois aquela célebre «ponta de Ibirapuitã» — provavelmente a única em sua vida — viu o ilustre militar num grande pileque. Sua coragem é conhecida no Rio Grande do Sul pelo famoso episódio do trem que Honório Lemos tomou. Nele viajava Flores da Cunha, que tratou logo de acomodar-se entre as mulheres. Depois dizia de peito cheio que não resistira para evitar que se ferissem as damas...

Os Flores da Cunha são senhores de terra. O verdadeiro chefe da família é Francisco Flores da Cunha, figura lizada ao Frigorífico Armour, de Livramento, com quem faz gordos negócios.

OS "NOVOS"

A exemplo de Jango Goulart, Pasqualini e Di Primio Beck apresentam-se como elementos «novos» na política. Pretendem ser as «boas almas» da vida nacional. Muito longe disto, desde 37, eles já tinham posição definida, segundo seus interesses de classe. Di Primio Beck, hoje

secretário de Obras Públicas, além de proprietário da metade de município de São Jerônimo, é concessionário da Coca-cola, o que bem mostra suas ligações com os ianques. O secretário Coccolato, embora do PTE é sócio de Hildo Meneghetti, prefeito neofascista de Porto Alegre, com o qual explora a celebre Cia de Obras e Terras Gerais, proprietária de quase metade dos terrenos da capital. Alberto Pasqualini é advogado de grande empresa embora nunca tenha entrado num tribunal. Foi um dos ideólogos do Estado Novo tido como o Resenberg do regime que Vargas instaurou. Conquistou a triste honra de ser o primeiro a manifestar apoio público à carta fascista de 37.

OS CRIMES DA OLIGARQUIA

São incontáveis os crimes desses grandes fazendeiros riograndenses. Muito longe do que dizem, quando falam em «lealdade gaúcha», eles matam covardemente, pelas costas, Waldemar Ripol jornalista popular, que combatia Flores da Cunha, foi assassinado à traição, com uma machadada na cabeça. Silenciaram sua pena brilhante porque combatia o governo. Nesse crime foi cúmplice, também, Raul Pila, que na época dizia fazer «oposição» a Flores.

O mesmo Flores da Cunha, cujo governo foi de sangue e terror, mandou assassinar o bravo dirigente comunista Mario Couto, morto à bala, pelas costas quando preso num automóvel. Aparício Cors de Almeida, líder estudantil, também foi assassinado e os dirigentes comunistas Tigre e Moaré Martins morreram vítimas dos maus tratos hediondos sofridos nos cárceres do «gaúcho leão» que se chama Flores da Cunha. Seus irmãos Antonio e Clementino participaram da covarde chacina de Livramento Mataram, com a polícia, a serviço de Armour, os líderes do povo Aladim Posaies, Ari Kolman, Aristides Correia e Abilias Silva. Walter Jobim era o governador quando o Primeiro de Maio foram metralhados os operários de Rio Grande, onde tombaram Anzolina Golçalves, Honório Porto, Osvaldino Correia e Euclides Pinto. Agora Jobim é embaixador de Getúlio no Uruguai. Seguindo pelo caminho do crime, Ernesto Dornelles governador do PTB, mandou metralhar os ferroviários grevistas e assassinou Francisco de Souza, da Estrada de Ferro Jacuí.

VARGAS, COM AS MÃOS TINTAS DE SANGUE

Num partido ou neutro, eles se unem contra o povo, matam, prendem, torturam e espancam para defender seus mesquinhos interesses de classe.

E que seria falar dos crimes monstruosos da família Vargas durante o Estado Novo? Luiz Carlos Prestes nove anos incommunicável; Olga Benário entregue às feras de Hitler; Harry Berger enlouquecendo ante as torturas, dezenas de patriotas massacrados nas prisões de Filinto são acusações vivas e imorredouras a mostrarem os crimes desses grandes fazendeiros gaúchos que, com seus parceiros dos Estados se acham no governo.

Ferozes, odiando a classe operária, eles chacinam covardemente o povo desarmado nas praças públicas. Ontem como hoje continuam seu reinado de terror e sangue. São os mesmos homens, a mesma política, a defesa dos mesmos interesses. Perseguem e processam o grande Prestes e seus companheiros de luta. Jogam-se ferozes contra os melhores filhos do povo.

COMÊÇO DO FIM

Seus crimes mostram o desespero de que estão possuídos ante as lutas populares que se ampliam cada vez mais que aumentam de combatividade. Os senhores da terra já não conseguem enganar as massas famintas e sentem que a terra lhes foge sob os pés. Aproxima-se o fim de tão longo domínio de sangue e exploração. O povo volta-se para seus melhores filhos, a cuja frente se encontra o grande Prestes, Cavaleiro da Esperança que conduz as massas ao combate e à vitória sobre os estancieiros e agentes dos imperialistas americanos que oprimem e exploram nossa Pátria.

Pressão diplomática

(Conclusão da 1.ª pag.)

tiveram em treinamento os cruzadores «Barroso» e «Tamandaré», são navios em operações da Esquadra americana do Pacífico, isto é, em operações nas costas da Coreia e da China. E para

lá se dirigiram após as operações de treinamento com os vasos de guerra brasileiros. Ao mesmo tempo, em diversas regiões, como Rio, S. Paulo, Rio Grande do Sul são chamados para estagiar nas forças armadas milhares de oficiais da reserva do CPOR — que, já na Segunda Guerra Mundial, constituíram o maior contingente de oficialidade da Força Expedicionária que enviamos à Itália. E agora, é o general Góis Monteiro quem parte para «inspeção» às bases militares do nordeste, declarando sem nenhuma cerimônia que protegem prepará-las

imediatamente para operações de guerra. Essas bases são o ponto natural para o embarque clandestino de tropas brasileiras para a Ásia.

TODAS AS FORMAS DE PROTESTO

A resistência a este crime, portanto, torna-se agora um dever permanente de todos: dos patriotas, dos partidários da paz que não querem para a nossa juventude a morte inglória numa guerra de agressão pelos superlucros dos magnatas de Wall Street. O momento é greve e exige de todos, todas as formas de protesto capazes de impedir o embarque de soldados brasileiros para as guerras de rapina das massas operárias americanas.

Lutam por Seus direitos Os portuários De Rio Grande

Incluindo Oficinas, Dragagem e Construção da Barra, sobe a mais de dois mil o número de operários que trabalham no porto de Rio Grande. Até 1951, os salários desses trabalhadores permaneciam estacionados. É verdade que em 1949 foi conquistado um abono de 10, 15 e 20 por cento sobre o salário, mas, alegando falta de verba, o fato é que até 1951 o pessoal das Oficinas, Dragagem e Barra não o recebeu.

Era evidente que a situação piorava para os trabalhadores. Estes, mirando-se no exemplo de outros setores da classe operária no Estado, principalmente dos seus irmãos portuários, trataram de se unir e de se organizar. Em junho de 1951 declararam-se em greve reivindicando o aumento das diárias para 75 cruzeiros. Conseguiram uma vitória parcial: conquistaram um aumento nas diárias de 36 para 56 cruzeiros.

Esse espírito de luta persiste entre os portuários de Rio Grande. Nos últimos meses verificaram-se duas paralisações de serviço no setor das Oficinas, contra o atraso no pagamento, ambas vitoriosas. Aliás, é nas Oficinas que reina a maior revolta, pois a muitos dos operários não é pago o abono de 1949.

Tais vitórias não têm sido conseguidas facilmente. Pelo contrário, por ser Rio Grande um porto que ocupa lugar destacado na política de guerra do governo esquadro de milhares de toneladas de arroz e carne para os imperialistas-também ali é um ponto de concentração da reação contra os trabalhadores. A administração do porto é confiada a elementos do Partido Trabalhista, o que tem corrido para recrudescer as perseguições aos operários, alguns dos quais são espancados pela Guarda do Porto.

Depois dos últimos protestos, novas medidas terroristas foram adotadas, tendo sido deslocado para um setor completamente isolado o presidente da Associação Profissional.

Entretanto, tais violências não têm impedido que os portuários defendam intransigentemente seus direitos, reforcem sua unidade e organização. Ainda em maio último, realizou-se em Porto Alegre a Segunda Convenção dos Portuários Gaúchos, na qual foram tomadas várias resoluções que vêm sendo postas em prática. Além daquelas que dizem respeito aos seus interesses imediatos, está sendo acolhida com entusiasmo a resolução que recomenda a todos os portuários a luta em defesa da paz.

(do correspondente)



EU VI AS ATROCIDADES IANQUES NA COREIA

O Cel. Harrison, uma nova "Besta de Buchenwald"

200 CRIANÇAS QUEIMADAS VIVAS EM SUNCHON — TORTURAS ATROZES ANTES DO TRUCIDAMENTO DAS VÍTIMAS — PROVAS DA GUERRA QUÍMICA — UM ESPETÁCULO INESQUECÍVEL DIANTE DAS RUINAS DE WONSAN

4.ª Reportagem de
LETELBA RODRIGUES DE BRITO

O COMPORTAMENTO dos invasores ianques na Coreia nada fica a dever à maneira como as tropas SS tratavam as populações dos países ocupados pelos nazistas. É o caso do coronel Harrison, comandante do 17.º Regimento da 24.ª Divisão de Infantaria. Esse monstro, pelas atrocidades que praticou, se equipara à celebre Ilse Koch, conhecida como a "besta de Buchenwald", fuzilada por crimes de guerra.

CRIANÇAS QUEIMADAS VIVAS

Eis um dos muitos crimes de Harrison, que o tornaram particularmente famoso e odiado pelo povo da Coreia: por ordem sua, cerca de 200 crianças foram metidas num prédio localizado no bairro de Wonan-Ri em Sunchon. Algumas delas foram acompanhadas de suas mães, que instintivamente pressentiram o destino de seus filhos. Feito isto, Harrison determinou aos soldados que embesbecem de gasolina as roupas das vítimas, bem como partes do prédio suscetíveis de ser incendiadas e, em seguida, atearam fogo. Os gritos que se ouviam eram indescritíveis. Não satisfeito com queimar vivas as crianças, Harrison mandou que granadas de mão fossem lançadas pelas janelas do prédio. Uma mulher coreana tentou escapar com seus dois filhos. Com um jato de lança-chamas, um soldado americano atingiu uma das crianças, que morreu ali mesmo.

Harrison, em companhia dos seus oficiais, deleitava-se com o monstruoso espetáculo. Harrison queria vencer pelo terror.

A APURAÇÃO DOS CRIMES

Este crime, como outros de que o Exército Popular já havia tomado conhecimento pelo depoimento de coreanos que os testemunharam, foi depois inteiramente confirmado por um oficial, ajudante de ordens de Harrison, feito prisioneiro de guerra.

Em menos de dois meses de ocupação ianque, em Sunchon, Harrison matou 35.383 pessoas, inclusive 300 crianças e mulheres grávidas.

Muitas dessas vítimas, antes de serem finalmente mortas, foram martirizadas com corrente elétrica, vertiam-se-lhes água pelo nariz e pela boca e mutiladas. Eram fuziladas, mortas a baioneta e enterradas vivas.

GASES ASFIXIANTES

A guerra química também foi utilizada pelos agressores ianques. Em Nampoo, 13 quartelões foram atacados com gases asfixiantes. A Comissão de Juristas examinou os resultados da autopsia das vítimas. Na vila de Pompori, ao sul de Wonsan, dois aviões lançaram gases asfixiantes. Em Raeksen, ao norte de Wonsan, 83 pessoas se intoxicaram com gases asfixiantes. Vi suas faces marcadas por pequenas cicatrizes, como se houvessem sido atacadas de varíola.

Na Coreia como na China, fizemos amplo inquérito. Ouvimos não apenas as testemunhas, como cientistas, autoridades e pessoas de nomeada. Acompanhamos algumas investigações de laboratório. Nesse inquérito, procedemos de acordo com os métodos estritamente jurídicos do processo de instrução da França. Não temos dúvida em classificar os que lançaram mão de tais recursos, como criminosos de guerra e criminosos contra a humanidade, de acordo com o Tribunal Militar Internacional de Nuremberg.

UM POVO DE PE

Apesar de nossos contactos com o povo coreano terem sido sempre em condições difíceis (interrompemos a audiência de testemunhas devido a ataques aéreos ou a bombardeios navais, em Wonsan), sentíamos em cada parte a determinação daqueles homens e mulheres admiráveis de defender a independência de sua Pátria e a liberdade de viver sob um regime que lhes proporcionou imensas felicidades. Sentíamos isso a cada passo. Nos papéis vedando os buracos nas janelas — cujos vidros se haviam partido por efeito dos bombardeios — nas portas e janelas reconstruídas de finas tábuas, no imponente teatro subterrâneo de Piong-Iang, em toda parte estava o espírito de luta do novo coreano.

«AINDA QUEREMOS A PAZ»

De um espetáculo entretanto, jamais me esquecerei. A 12 de março último, estávamos em Wonsan. Cerca das 15.30 horas colhíamos o depoimento de uma vítima de gases tóxicos. Interromido devido a um ataque aéreo logo que os aviões se foram, foi trazido à nossa presença um conjunto de canto. Eram oito artistas, quatro rapazes e quatro moças. Percorriam o front, levando um pouco de alegria aos soldados que se batiam heroicamente. Que belas vozes! Havia uma soprano dramática, de voz límpida; um bom tenor e uma soprano cuja voz era de soprano ligeiro a soprano dramática. A acordeonista, uma menina quase, acompanhava impecavelmente seus companheiros com um acordeon «Hornet» de 48 baixos. Como nos emocionamos à serenidade daqueles jovens, cantando tranquilamente diante de sua Wonsan destruída! Os coreanos têm segurança na vitória. A última canção que cantavam para nós intitulava-se «Ainda queremos a paz».

A Oligarquia gaucha:

Crimes e negociatas

VARGAS E SEU BANDO TENTAM COLOCAR O PAÍS NO BOLSO

Quem é a família Vargas, os primos, irmãos e compadres — Os goulart, aliados e conselheiros de Vargas — Bois de Getúlio, vendidos por intermédio dos primos e presenteados ao próprio Getúlio — A marca 60 que se vê na maior parte do gado que entra no Frigorífico «Swift» é a marca das estâncias do demagogo do Catete — Os que enriquecem com os contrabandos na fronteira — A «oposição»: um general de papelão, o político Pila e uma fauna de latifundiários — Do assassinio de Waldemar Rippol à chacina de Livramento e ao metralhamento dos ferroviários da Jacuí — Farsantes e tiranos que sabem que seu poder sangrento chega ao fim



A O FALAR na oligarquia que domina o Rio Grande do Sul, o primeiro nome que surge é o de Vargas. Ele pretende ser o patriarca dos estancieiros e trata o povo como se fora seus peões na Estância. A família Vargas é grande proprietária de terras em São Borja. Possui contratos privilegiados com os Frigoríficos, tendo a preferência para a venda de seu gado.

Os Dorneles, que dominam o município de Alegrete, são primos de Vargas. Também seus primos são os Vieira de Macedo. No governo do Estado está o primo de Getúlio, Ernesto Dorneles, e na secretaria da Agricultura o seu filho, Manuel Vargas. Primos e primas, cunhados e irmãos, afilhados e compadres, são todos «socios» de Getúlio e regem seus negócios.

Na Swift de Rio Grande entra gado em nome de muita gente, mas trazem sempre a marca 60, que é a marca das Estâncias de Getúlio. Nas exposições acontece fato curioso: o fazendeiro Vieira de Macedo expõe belos animais e Getúlio, como presidente, vai visitar os pavilhões. Agrada-se dos novilhos e os industrialistas de São Paulo tratam logo de comprá-lo para apresentar o presidente que aceita, agradecido, o novilho que já lhe pertencia e fora vendido pelo primo Macedo. Entra assim o dinheiro por um bolso e pelo outro, o boi.

O BANDO DE GETULIO: CONT RABANDO E NEGOCIATAS

TODA A sorte de negociatas realiza essa gente. Aparentados, através de casamentos, estendem suas garras como tentáculos de polvo por todo o Estado e pelo país. O contrabando é base de suas imensas riquezas. Enquanto nossos jovens morriam na Itália lutando contra o fascismo, os Vargas vendiam borracha para a Argentina, produto que ia alimentar as armas assassinas de Hitler. Não contentes com este negócio, Protasio Vargas, o irmão de Getúlio, chegou a mandar construir em sua fazenda um ramal da Viação Ferrea, apenas...

Batista Luzardo é outro. Traiu os camponeses pobres que, enganados, o seguiram nas «revoluções». Depois de grandes correrias, para as quais partiu pobre e das quais voltou rico, Luzardo estabeleceu-se em Uruguaiana. Muito cedo abandonou sua máscara de «defensor dos oprimidos», para dedicar-se ao contrabando, negócio mais fácil e de maiores lucros. Com fazenda na faixa da fronteira isto lhe foi relativamente fácil. Hoje é embaixador de Vargas em Buenos Ayres, posto que lhe permite «trabalhar» mais comodamente.

JOÃO NEVES

João Neves da Fontoura, entreguista notório, presidente da Gás Esso e também Ministro das Relações Exteriores do governo Vargas, é um dos espécimes a serviço dessa oligarquia. Tipo clássico do demagogo da velha geração, é no Rio Grande do Sul grande plantador de arroz.

LOUREIRO DA SILVA

Loureiro da Silva é chefe da Carteira de Crédito Agrícola do Banco do Brasil. É o homem que dita os preços através dos financiamentos e da compra da produção agrícola. Durante a campanha eleitoral do PTB ele percorreu o Rio Grande do Sul e assumiu compromissos de toda a sorte através dos quais levantou dinheiro para a campanha de Vargas, em troca de futuros favores que, naturalmente, agora estão sendo pagos. Valendo-se da posição que desfruta, o sr. Loureiro da Silva, como diretor da Carteira de Crédito, fez grandes compras ao sr. Loureiro da Silva, fazendeiro. Depois, quando a coisa estourou veio fácil a explicação; não comprara de si próprio mas de seu filho. Inegável diferença, já se vê.

(Conclui na página 11)



Manoel Vargas

ISTO aconteceu

Após receber esta semana em Washington seu parceiro Asheson, que regressava de Brasil, Truman teve a seguinte saudação:

— «Seja bem-vindo no vosso regresso à Capital do Mundo»

É uma saudação delirante, mas está reproduzida em todos os jornais da imprensa sadia. A saudação, aliás, se amolda a declarações anteriores do próprio Truman e de toda a «gang» de Wall Street que, em discursos e documentos oficiais, afirmam categoricamente que os Estados Unidos têm direito e devem tomar a si a tarefa de organizar o mundo. O sonho de Truman e dos imperialistas americanos de organizar o mundo tendo Washington como metrópole e capital não é novo. Outras pessoas tiveram delírios semelhantes. Hitler também quis organizar o mundo, tendo Berlim por capital e metrópole. Mas foi mesmo dentro de Berlim, que este delirante e sua quadrilha encontraram um fim inglório.

O que é espantoso é como os delirantes se repetem uns aos outros, não só na reprodução das mesmas palavras, dos mesmos metodos, mas também das mesmas taras. Ao mesmo tempo de Hitler, por exemplo, a Alemanha era o país de maior índice de invertidos sexuais. Pois hoje, os Estados Unidos de Truman assumiram este título. Segundo o professor americano Kinsey, cujos trabalhos estão sendo divulgados em artigos do professor Leonildo Ribeiro, no «O Jornal», nada menos de 60 por cento dos jovens ianques trumanizados praticam a pederastia. Mas, não apenas os jovens, diz o sociologista ianque: «Os invertidos sexuais existem em todas as classes sociais, na cidade como no campo, atingindo todas as idades e todas as estações sociais».

Imagine-se o tipo de mundo que o sr. Truman e os «super-homens» do dólar querem organizar.

Mas, o que os imperialistas delirantes de Washington estão sentindo é que os povos, em todos os países, não querem ser organizados desta maneira e não se submetem à exploração dos «super-homens» do dólar. Da passarem, como Hitler, aos insultos contra os povos. Há dias, o general Eisenhower declarava, por exemplo, que a maioria do povo francês «era desforçada». E por que? Porque o povo francês, fiel às suas gloriosas tradições de luta pela liberdade e a paz, repele os invasores americanos que ocupam o solo de seu país e tentam arrastá-la à mais criminosa de todas as guerras. «Fibra», para os monstros da guerra microbiana, possuem os que têm a coragem de ser homo-sexuais e vivem como servos dos trustes de Wall Street.

